



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO- UFMA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, SAÚDE E TECNOLOGIA- CCSST  
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS – SOCIOLOGIA

ANDREZA GOMES RODRIGUES DA SILVA

PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO E PRECARIIDADE EXISTENCIAL:  
O CASO DOS CATADORES DE LIXO NO LIXÃO MUNICIPAL DE IMPERATRIZ

IMPERATRIZ  
2018

ANDREZA GOMES RODRIGUES DA SILVA

PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO E PRECARIIDADE EXISTENCIAL:  
O CASO DOS CATADORES DE LIXO NO LIXÃO MUNICIPAL DE IMPERATRIZ

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Ciências Humanas / Sociologia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), como requisito para obtenção do grau de licenciado em Ciências Humanas / Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Agnaldo Silva

IMPERATRIZ  
2018

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

Gomes Rodrigues Da Silva, Andreza.

PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO E PRECARIÉDADE EXISTENCIAL: :  
O CASO DOS CATADORES DE LIXO NO LIXÃO MUNICIPAL DE  
IMPERATRIZ / Andreza Gomes Rodrigues Da Silva. - 2018.  
63 f.

Orientador(a): Agnaldo Silva.

Curso de Ciências Humanas - Sociologia, Universidade  
Federal do Maranhão, Imperatriz, 2018.

1. Catadores de lixo. 2. Precariedade existencial. 3.  
Precarização. 4. Reestruturação do capital. 5. Trabalho  
informal. I. Silva, Agnaldo. II. Título.

ANDREZA GOMES RODRIGUES DA SILVA

PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO E PRECARIIDADE EXISTENCIAL:  
O CASO DOS CATADORES DE LIXO NO LIXÃO MUNICIPAL DE IMPERATRIZ

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Agnaldo Silva (Orientador)  
Doutor em Sociologia

---

Prof. Me. Emerson Rubens Mesquita (Membro)  
Examinador 1

---

Prof. Me. Manoel Pinto Santos (Membro)  
Examinador 2

Imperatriz  
2018

## RESUMO

O presente trabalho buscou compreender de forma ampla a realidade de vida e trabalho dos catadores de lixo do lixão municipal da cidade de Imperatriz no Estado do Maranhão. Estes catadores de lixo são trabalhadores que possuem características de vida e trabalho que estão intimamente relacionadas às transformações mais recentes do chamado mundo do trabalho. Tomando por hipótese a ideia de que as transformações do mundo do trabalho fomentadas pela reestruturação produtiva do capital produzem não apenas uma precarização do trabalho, mas também uma precarização existencial do trabalhador, o principal objetivo da pesquisa foi compreender em que medida a precariedade do trabalho e das condições de trabalho levam a uma precarização da vida como um todo. Como base teórica utilizou-se os textos de autores como Karl Marx (2004; 1980), Ricardo Antunes (1999; 2006; 2009) e Giovanni Alves (2009), dentre outros. Metodologicamente o presente trabalho pautou-se em uma pesquisa qualitativa, sendo realizadas pesquisas bibliográficas e pesquisa de campo. A pesquisa de campo foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas com doze catadores de lixo do lixão municipal de Imperatriz. Os dados da pesquisa de campo sinalizam que a precariedade existencial e a precariedade do trabalho estão entrelaçadas na vida dos catadores de lixo do lixão municipal da cidade de Imperatriz.

Palavras-chave: Reestruturação do capital. Trabalho informal. Catadores de lixo. Precarização. Precariedade existencial.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	5
CAP. 1 – TRANSFORMAÇÕES NO MUNDO DO TRABALHO .....	10
1.1- Concepção de trabalho .....	10
1.2- Sistema Capitalista: Fordismo, Taylorismo e Toyotismo. ....	12
1.3 - O Capitalismo em sua fase atual e suas configurações no mundo do trabalho.....	15
1.4 - O Capitalismo no Brasil e a reestruturação produtiva .....	18
1.5 – Flexibilização .....	21
CAP. 2 – PRECARIIDADE E INFORMALIDADE NO MUNDO DO TRABALHO	23
2.1 – Precariedade do trabalho .....	24
2.2- A precariedade do trabalho feminino .....	29
2.3- A informalidade.....	31
2.4- Condição existencial de precariedade .....	34
2.5- A relação da subjetividade do status com o trabalho .....	37
CAP. 3 – A PRECARIIDADE DOS CATADORES DE LIXO DO LIXÃO MUNICIPAL DE IMPERATRIZ.....	39
3.1- O perfil dos Catadores de Lixo do Lixão Municipal de Imperatriz .....	39
3.2- Indicadores da Precarização do Trabalho.....	47
3.3- Dados acerca do preconceito a respeito do trabalho dos catadores de lixo.....	53
CONCLUSÃO.....	57
REFERÊNCIAS .....	59

## INTRODUÇÃO

O chamado mundo do trabalho é dinâmico, modificando-se constantemente ao longo da história, assim como acontece com todas as relações sociais. Com a emergência da sociedade capitalista, sobretudo a partir de sua fase neoliberal, essas transformações tem se intensificado.

As mudanças no mundo do trabalho e, conseqüentemente, na sociedade como um todo podem ser compreendidas se entendermos primeiramente que o trabalho é sempre uma resposta a uma necessidade social, a qual varia com a época histórica em que se vive.

As mudanças no mundo do trabalho no capitalismo contemporâneo se tornam uma resposta às mudanças na estrutura social e na lógica do mercado. Desta forma, como afirma Ricardo Antunes (1999), o trabalho na sua atual fase, possui sua centralidade direcionada a uma evidente redução do que se considera um trabalho fabril, industrial, manual e formal e passa a incorporar e se ajustar às formas de trabalho vinculadas a informalidade e a precarização.

Neste sentido a classe que vive do trabalho na era contemporânea, como afirma Antunes (1999), é diversa, heterogênea e multifacetada. As metamorfoses no mundo do trabalho exigem que esta classe que vive do trabalho se ajuste às novas configurações que o trabalho apresenta na atualidade.

Ricardo Antunes (1999, p.41) analisa o mundo do trabalho dentro do sistema capitalista e afirma que a “mais brutal das transformações é a expansão, sem precedentes na era moderna, do desemprego estrutural”; para Antunes (1999) há uma redução do operariado industrial e assim conseqüentemente uma expansão do trabalho precário na atualidade.

A partir do pensamento de Antunes (1999) compreende-se que o aumento do trabalho precário, parcial, subcontratado e informal é uma consequência da reestruturação produtiva do capital. Mediante isto, compreende-se que a reestruturação produtiva do capital também impulsionou modificações na vida do trabalhador, pois como afirma Giovanni Alves e Esdras Selegrin (2011, p.76) “trabalho é vida e vida é trabalho”.

Neves e Pedrosa (2007) afirmam que a reestruturação produtiva do capital também acarretou uma reconfiguração das relações de gênero no trabalho, principalmente com o aumento do contingente feminino no mercado de trabalho. Estas autoras também afirmam que a reestruturação produtiva com sua dinâmica flexível impulsionou o crescimento significativo do trabalho informal.

Compreende-se então que a reestruturação produtiva do capital tem consequências danosas para o trabalhador, pois esta impulsionou uma maior e mais intensa precarização do trabalho com o aumento da informalidade e conseqüentemente das condições subumanas de trabalho, deixando o trabalhador numa completa precariedade, que não se refere apenas às condições de trabalho, mas às condições da própria vida do trabalhador.

Precário significa por definição algo pouco, escasso ou insuficiente, mediante isto, compreende-se que o trabalho precário significa uma redução do trabalho regulamentado pelas leis trabalhistas, o que conseqüentemente gera um avanço da informalidade e da busca por trabalhos que por vezes excedem em horas trabalhadas e mesmo assim proporcionam baixa remuneração ao trabalhador.

A precariedade atinge a existência do trabalhador como um todo, ou seja, a vida assim como trabalho torna-se precária, o trabalhador por vezes possui uma baixa escolarização, mora em bairros periféricos, conseqüentemente em moradias precárias e assim o ciclo de precariedade se movimenta.

A partir disto ocorreu o interesse de conhecer de perto e de forma mais abrangente uma categoria de trabalhadores muitas vezes invisíveis para a sociedade, estes trabalhadores desenvolvem sua atividade dentro do âmbito da informalidade e do que se caracteriza por trabalho precário, trata-se dos catadores de lixo que realizam seu trabalho no “lixão” municipal de Imperatriz.

O primeiro contato com estes trabalhadores surgiu a partir de um trabalho em grupo realizado na disciplina acadêmica de Ética e filosofia ambiental; logo após, ao assistir uma reportagem sobre o trabalho dos catadores de lixo do lixão de Imperatriz em um jornal local surgiu o interesse de pesquisar a categoria como trabalho de conclusão de curso.

Os catadores de lixo do “lixão” são uma categoria de trabalhadores que possuem características de vida e trabalho que refletem algumas das modificações mais recentes no chamado mundo do trabalho, impostas pelas transformações estruturais do próprio capitalismo.

Para compreender a importância que o trabalho destes homens e mulheres tem é preciso informar primeiramente que estes catadores de lixo do “lixão” de Imperatriz realizam a atividade de separação do material reciclável e desta forma retiram do solo uma grande quantidade de lixo que não seria tratado adequadamente, pois na cidade de Imperatriz ainda não existe aterro sanitário, como prevê a legislação (Lei 12.305/2010).

É preciso também dizer de antemão que a sociedade capitalista é a sociedade do consumo, de maneira que o consumo exacerbado produz uma grande quantidade de lixo e o

lixo quando não é tratado corretamente e adequadamente polui o ambiente e destrói a natureza, além de trazer danos à saúde dos seres humanos.

Na fase atual do capitalismo o consumo torna-se um fim em si mesmo, por isso, alguns autores denominam esta sociedade de “sociedade do consumo”. O consumo torna-se cada vez mais desenfreado, desta forma como afirma Moraes (2009) tudo passa a ser descartável e conseqüentemente os produtos passam a ser inutilizados rapidamente, sendo assim, a quantidade de lixo aumenta substancialmente com a dinâmica econômica e com o desenvolvimento tecnológico.

O aumento da produção de lixo é então uma consequência da expansão do sistema capitalista e das suas configurações. O sistema capitalista é movido pelo lucro e quanto mais se produz e conseqüentemente mais se vende, mais o lucro dos proprietários do capital aumenta.

Como já foi dito anteriormente a reestruturação produtiva do capital produz um aumento significativo da informalidade e da precarização do trabalho e o aumento do lixo torna-se, então, uma possibilidade de sobrevivência aos trabalhadores que não estando inseridos numa atividade laboral formal, buscam uma forma alternativa de sobreviver. Assim, o trabalho com a coleta e separação do lixo torna-se uma forma viável para garantir o sustento individual e familiar do trabalhador inserido no processo de desemprego estrutural.

Interessa-nos aqui investigar e analisar de forma mais abrangente a realidade de vida e trabalho dos catadores de lixo do lixão municipal da cidade de Imperatriz no Estado do Maranhão. Este estudo busca responder a seguinte questão: Qual a relação entre o processo de reestruturação do capital e a vida e trabalho dos catadores de lixo no “lixão” da cidade de Imperatriz? Em outras palavras, em que medida a reestruturação produtiva do capital afeta a vida e o trabalho desses catadores?

Assume-se a hipótese que as transformações do mundo do trabalho produzem não apenas uma precarização do trabalho, mas também uma precarização existencial do trabalhador. Para tal, busca-se identificar em termos socioeconômicos e culturais quem são os catadores de materiais recicláveis do lixão de Imperatriz, procurando também “mapear” suas trajetórias de vida e trabalho antes de se tornarem catadores de lixo, além de analisar seus relatos acerca de suas condições de vida e de trabalho.

O principal objetivo da pesquisa é compreender em que medida a precariedade do trabalho leva a uma precarização da vida como um todo, retroalimentando-se, e como essas duas formas de precarização estão articuladas com as transformações mais amplas do capitalismo. A precariedade não se restringe ao trabalho e ao mundo do trabalho, ela se faz

presente na história de vida desses catadores de lixo do “lixão” municipal de Imperatriz, já que suas histórias de vida são marcadas pela pobreza, por preconceitos e pela invisibilidade social.

Justifica-se esta pesquisa como afirma Moraes (2009) pela necessidade de se dar voz aos trabalhadores que desenvolvem uma atividade precarizada. Esta pesquisa se torna essencial também por produzir dados qualitativos sobre os catadores de lixo do lixão de Imperatriz, pois esta é ainda uma categoria de trabalho pouco estudada.

Esta pesquisa utilizou-se de técnicas de pesquisa qualitativa, sendo que num primeiro momento foi realizada uma pesquisa bibliográfica com a leitura de livros e artigos sobre o chamado mundo do trabalho, além de se apropriar de discussões feitas em sala de aula sobre a temática em questão, sobretudo na disciplina de Sociologia do Trabalho. Os autores que mais embasaram as discussões e análises foram Ricardo Antunes (1999; 2006; 2009), Giovanni Alves (2009), Richard Sennett (2007) e Helena Hirata (2007; 2009), além de autores que tratam mais especificamente da realidade dos catadores de lixo, como Santos e Silva (2009), Silva (2015) e Moraes (2009).

Posteriormente à revisão da literatura, realizou-se a pesquisa de campo. Foram realizadas quatro visitas ao lixão a fim de conhecer o local de trabalho e realizar as entrevistas com esses trabalhadores.

A pesquisa de campo foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas com doze catadores de lixo do lixão, buscando não apenas identificar quem são esses catadores, mas também mapear suas trajetórias de vida e de trabalho, além de analisar e compreender suas experiências e relatos como catadores de lixo e, conseqüentemente, procurar saber acerca das condições em que vivem e trabalham. De um universo de cerca de cento e trinta trabalhadores, não foi possível precisar esse número, doze trabalhadores, de ambos os sexos, cederam entrevista no local em que trabalham. A escolha dos entrevistados se deu pela disponibilidade dos mesmos em conceder entrevista.

As entrevistas foram gravadas em gravador de voz e também foram sendo feitas anotações de algumas informações acerca dos entrevistados, com vistas a preservar a originalidade da fala e não se perder a informação e alguns detalhes relevantes do entrevistado ou da entrevistada. Num segundo momento as entrevistas foram transcritas e analisadas à luz dos autores de referência, principalmente Ricardo Antunes e Giovanni Alves.

Logo de início os entrevistados foram informados que as informações prestadas seriam utilizadas para a pesquisa acadêmica. Logo em seguida, foi lhes pedido autorização para que

suas falas fossem gravadas, e assim a partir da autorização destes se iniciava a entrevista, que em média durou cerca de vinte minutos.

As perguntas iniciais se referiam aos dados de identificação do catador como nome, sexo, idade, cor da pele, estado civil, números de membros da família, local de nascimento e, caso não tivessem nascido em Imperatriz era feita a pergunta de como chegaram à cidade de Imperatriz, onde eles residem atualmente, se possuem documentos, qual a escolaridade que possuem e de qual religião são adeptos.

Após os dados de identificação do catador, passava-se a perguntar a eles acerca do mundo do trabalho, perguntas a respeito se já tiveram outros trabalhos, sobre em que circunstâncias se tornaram catadores de lixo, há quanto tempo são catadores, se possuem outro trabalho além deste, qual a remuneração recebida pelo trabalho, se sobrevivem exclusivamente do trabalho como catador ou mais alguém da família trabalha e se recebem algum benefício social. Foi lhes perguntado também como é o trabalho de catador de lixo e quais as principais dificuldades enfrentadas no local de trabalho, se existe algum sindicato ou alguma cooperativa de trabalho para os catadores e se possuem algum equipamento de proteção para realizar seu trabalho.

A partir de então foram feitas algumas perguntas sobre suas condições de vida e possíveis discriminações que possam ter sofrido em razão de seu trabalho, tais como se no local onde moram as pessoas sabem que é catador de lixo no lixão, se sofrem ou sofreram algum preconceito em relação ao trabalho como catador e o que acham que pode ser feito para que ocorra um melhoramento nas condições de vida e de trabalho dos catadores de lixo do lixão. Enfim, a pesquisa de campo buscou entender de forma mais ampla a realidade de vida e de trabalho dos catadores de lixo.

Este trabalho está estruturado em três capítulos, sendo o primeiro capítulo dividido em cinco tópicos que tratam das transformações no mundo do trabalho e a flexibilização inerente a este processo. O segundo capítulo também tem cinco tópicos que analisam a precarização e a informalidade do trabalho no sistema capitalista, além de discutir temas como a invisibilidade social e a condição existencial de precariedade. O terceiro capítulo está dividido em três tópicos que abordam a realidade dos catadores de lixo do lixão municipal de Imperatriz e apresenta os dados coletados durante a pesquisa de campo.

## CAP. 1 – TRANSFORMAÇÕES NO MUNDO DO TRABALHO

### 1.1- Concepção de trabalho

Toda atividade seja ela intelectual ou material que resulta em bens ou serviços é considerada trabalho. O trabalho é visto como algo extremamente importante na sociedade, pois é por meio do trabalho que o homem transforma tanto a natureza e o meio social em que se encontra inserido quanto a si próprio. Nesta perspectiva o trabalho humaniza não apenas a natureza, mas o próprio homem.

Observamos que o trabalho constitui-se, um importante se não o principal determinante da formação das sociedades, sendo o meio através do qual o homem constrói o seu ambiente e a si mesmo de acordo claro com as reais condições que dispõe, pois, o trabalho está na base de toda sociedade, seja ela qual for, estabelecendo as formas de relações entre os indivíduos; entre as classes sociais; criando relações de poder e propriedade; determinando, assim, o ritmo do cotidiano do trabalhador e da própria sociedade. (OLIVEIRA, SANTOS e CRUZ, 2007, p.1)

Torna-se evidente que o trabalho é um pilar da organização social, sendo assim constitui-se como elemento que estabelece as relações entre os indivíduos. Estas relações são determinantes para o estabelecimento das classes sociais que surgem, por sua vez, a partir da estrutura de desigualdade social e de dominação de uns sobre os outros.

O homem ao se relacionar com os outros homens por meio do trabalho visando transformar a natureza e extrair dela sua própria sobrevivência transforma-se a si mesmo. Oliveira, Santos e Cruz (2007) afirmam que para Marx a essência do homem é o trabalho.

Para Marx, a essência do ser humano está no trabalho, pois através deste o homem transforma a natureza; trabalhando, o homem se relaciona com os outros homens, produz máquinas, obras de arte, cria instituições sociais, crenças religiosas, hábitos diferentes, modos de vida específicos, adquirem novas potencialidades e capacidades, se socializa. (OLIVEIRA, SANTOS e CRUZ, 2007, p. 2)

Karl Marx (2004) afirma que o homem produz universalmente e produz livremente, ao contrário do animal que só produz o que lhe é estritamente necessário e em apenas uma direção, portanto, sabendo que o ser humano é o único entre os animais que planeja seu trabalho é nítido o quanto este o diferencia dos demais seres vivos.

Oliveira, Santos e Cruz (2007) afirmam que para Marx o homem conquistou a liberdade em face da natureza, pois o homem conseguiu dominar as forças da natureza colocando-as a seu serviço.

Karl Marx, ao se utilizar “materialismo histórico”, entendido enquanto método de análise, afirma que é a partir das relações materiais que os homens estabelecem entre si e do

modo como produzem seus bens e riquezas é que se tece a forma de organização social mais ampla.

Para este autor as formas econômicas são transitórias e históricas, pois a partir do momento em que as forças de produção mudam, altera-se também o modo de produção. “Ao adquirir novas forças produtivas, os homens mudam seu modo de produção, e com o modo de produção mudam as relações econômicas, que não eram mais que relações necessárias daquele modo concreto de produção.” (MARX apud QUINTANEIRO, BARBOSA e OLIVEIRA, 1995, p. 67 e 68)

Marx descreve que as ideias, concepções, gostos, crenças e categorias de pensamento também dependem do modo como os homens se organizam para produzir. Desta forma, todas estas coisas estão intimamente ligadas ao modo de produção e, conseqüentemente, à forma como os homens se organizam para produzir e reproduzir sua própria existência.

Na ótica de Marx modos de produção dizem respeito à forma como a sociedade produz e distribui as riquezas produzidas. Na visão deste autor os principais modos de produção se dividem em primitivo, antigo ou escravista, asiático, feudal, capitalista e comunista.

Ao longo da história os modos de produção se alteram e conseqüentemente modificam as relações sociais e de trabalho. Estas transformações são visíveis na esfera tecnológica, estrutural, conjuntural e organizacional da sociedade.

Percebe-se então que as mudanças no mundo do trabalho estão relacionadas às relações presentes nos modos de produção, de modo que as mudanças ocorridas no mundo do trabalho na atualidade devem ser entendidas a partir da lógica de estruturação e de funcionamento e das próprias transformações que ocorrem no seio da sociedade capitalista.

É preciso destacar que o modo de produção capitalista se configura por ser um modelo que se baseia nas relações assalariadas de trabalho, na propriedade privada e na busca pelo lucro.

Esta sociedade capitalista foi amplamente analisada por Karl Marx que criticou este modo de produção por ser uma sociedade cindida em classes sociais e caracterizada pela exclusão, desigualdade e opressão de uma classe sobre outra. Para Marx (2004, p.80) “o trabalhador se torna tanto mais pobre quanto mais riqueza produz”. Sendo assim, o poder e as riquezas se concentram nas mãos de poucos e a grande maioria da população deve se contentar a viver com poucos recursos.

Sobre isto Marx (2004, p. 82) afirma que “O trabalho produz maravilhas para os ricos, mas produz privações para o trabalhador. Produz palácios, mas cavernas para o trabalhador.

Produz beleza, mas deformação para o trabalhador”. É preciso frisar que o modo de produção capitalista é atualmente o modo como a sociedade se organiza. Contudo, este modo de produção passou e vem passando por diversas fases e transformações.

## 1.2- Sistema Capitalista: Fordismo, Taylorismo e Toyotismo.

O capitalismo como sistema econômico e social, constituiu-se com o declínio do feudalismo e passou a se estruturar como modelo socioeconômico a partir do século XVIII, contudo é importante ressaltar que a expansão do capitalismo pelo mundo não se deu de forma igualitária em todos os países.

Karl Marx faz suas diversas análises sobre o sistema de produção capitalista durante o século XIX, neste período escreveu suas principais obras: o manifesto comunista (1848) e o capital<sup>1</sup> que teve seu primeiro livro publicado em 1867.

Dentro do sistema capitalista surgiram processos produtivos que procuravam transformar a forma como se produzia dentro das fábricas, além disso, estes modelos de produção buscam estabelecer as relações de hierarquias e as regras para o ganho de capital.

Como exemplos destes processos produtivos podem ser citados o Fordismo, o Taylorismo e o Toyotismo. O Fordismo como afirma Antunes (1999) é entendido como a forma pela qual a indústria e o processo de trabalho se consolidaram ao longo do sistema capitalista.

Este processo tem por característica o fato de que cada indivíduo exerce uma função específica no processo de produção e as etapas são divididas, sendo sua produção em massa. O Fordismo possui uma organização centralizada, concentrando o poder nas mãos dos gestores e proprietários do capital.

O taylorismo é caracterizado segundo Antunes (1999) como um processo que busca o controle de tempos e movimentos, sendo sua produção em série e as funções fragmentadas. Diante disso o indivíduo deve otimizar o uso do tempo no processo produtivo. Taylorismo e Fordismo, apesar de se tratar de fenômenos sociais distintos, na prática se fundiram num só modelo de produção.

O Toyotismo para Antunes (1999) penetra no sistema de produção capitalista para mesclar-se ou substituir o sistema Fordista dominante. Para este autor, o Toyotismo é “um

---

<sup>1</sup> Os outros volumes do livro o capital foram publicados após a morte de Marx que ocorreu em 1883, os livros dois e três de o capital foram publicados por Engels, respectivamente nos anos de 1885 e 1894 e o livro quatro de o capital foi publicado em 1905, por Karl Kautsky, já após a morte de Engels.

modelo produtivo que recusa a produção em massa, típico da grande indústria fordista, e recupera uma concepção de trabalho que, sendo mais flexível, estaria isenta da alienação do trabalho intrínseca à acumulação de base fordista.” (ANTUNES, 1999, p.17)

Deve-se ressaltar que Antunes (1999), com essa colocação, não está afirmando que o modo de produção toyotista é menos excludente ou desigual que o fordista, apenas está especificando como o modelo Toyotista se apresentava no discurso das classes dominantes e gestores do capital. A flexibilidade no mundo do trabalho não significa uma melhoria, mas sim uma nova forma de precarização. O tema acerca da flexibilidade será discutido em um tópico à frente.

Alguns dos aspectos que marcam este processo produtivo são: o fato do trabalhador operar simultaneamente várias máquinas, a produção assim aumenta sem ser necessário a contratação de mais trabalhadores, a importação das técnicas de gestão dos supermercados dos EUA e a expansão do seu método para as empresas subcontratadas e fornecedoras.

Seus traços constitutivos básicos podem ser assim resumidos: ao contrário do fordismo, a produção sob o toyotismo é voltada e conduzida pela demanda. A produção é variada, diversificada e pronta para suprir o consumo. É este quem determina o que será produzido, e não o contrário, como se procede na produção em série e de massa do fordismo. Desse modo, a produção sustenta-se na existência do estoque mínimo. O melhor aproveitamento possível do tempo de produção (incluindo-se também o transporte, o controle de qualidade e o estoque), é garantido pelo just in time. (ANTUNES, 1999, p. 26)

Desta forma compreende-se que o toyotismo que é um processo baseado no modelo de reposição dos supermercados americanos, de maneira que só se repõem quando se vende é um processo revolucionário, que busca além de modificar o processo de produção, modificar também as relações de trabalho.

O sistema toyotista modifica as relações de trabalho no sentido de que, com o aparato tecnológico, utilizado na produção de seus produtos, a mão-de-obra humana torna-se cada vez menos necessária em grande quantidade. Como exemplo dessa mudança nas relações de trabalho, tem-se o sindicalismo japonês, que foi responsável por uma atuação marcada por greves, que se constituíam como um entrave para a expansão do toyotismo.

As greves ocorridas em 1950 no Japão buscavam ser contrárias às demissões em massa, que estavam ocorrendo devido ao novo modo de produção. Essas greves, contudo, não foram eficazes, o sindicalismo japonês foi derrotado e as lutas sindicais foram perdendo cada vez mais força e espaço.

O sistema produtivo toyotista acarreta também a modificação nas relações dentro do ambiente de trabalho, sendo que o trabalho passa a ser realizado em equipe que opera frente a

um sistema de máquinas automatizadas, nisso Antunes (1999) afirma que há uma flexibilidade do aparato produtivo e uma flexibilização da organização de trabalho.

Ao contrário da verticalização fordista, de que são exemplos as fábricas dos EUA, onde ocorreu uma integração vertical, à medida que as montadoras ampliaram as áreas de atuação produtiva, no toyotismo tem-se uma horizontalização, reduzindo-se o âmbito de produção da montadora e estendendo-se às subcontratadas, às “terceiras”, a produção de elementos básicos, que no fordismo são atributo das montadoras. Essa horizontalização acarreta também, no toyotismo, a expansão desses métodos e procedimentos para toda a rede de fornecedores. Desse modo, Kanban, just in time, flexibilização, terceirização, subcontratação, CCQ, controle de qualidade total, eliminação do desperdício, “gerência participativa”, sindicalismo de empresa, entre tantos outros elementos, propagam-se intensamente. (ANTUNES, 1999, p. 27)

O toyotismo gera também uma intensificação da exploração do trabalho, pois como Antunes (1999, p. 28) diz: “o toyotismo estrutura-se a partir de um número mínimo de trabalhadores, ampliando-se, através de horas extras, trabalhadores temporários ou subcontratação, dependendo das condições de mercado”.

Desta forma, percebe-se que o toyotismo tem como uma de suas características a flexibilização. Com a ampliação das horas extras, o trabalhador tem em mente que está trabalhando mais para obter conseqüentemente uma maior remuneração para si e sua família, o que não é real, pois os proprietários do capital estão somente economizando recursos na contratação de mais trabalhadores, explorando a capacidade de trabalho de um trabalhador que já está inserido na sua linha de produção.

A contratação de trabalhadores temporários, também condicionada pelo sistema de produção toyotista, torna-se bastante viável para a gestão do capital, pois o trabalhador temporário gera menos gastos com impostos e indenizações trabalhistas.

A subcontratação de trabalhadores é também uma forma de flexibilização adotada dentro do toyotismo, muitas vezes o trabalhador não sabe para qual empresa está prestando serviço, desta forma o trabalhador não sabe a quem deve reivindicar seus direitos.

Antunes (1999) compreende que a ocidentalização do toyotismo teve como consequência a transformação do trabalho; gerando assim o chamado desemprego estrutural e flexibilização do trabalho.

As políticas neoliberais fomentam e valorizam o processo de flexibilização do trabalho e das leis trabalhistas. O sistema de produção toyotista ao integrar-se à globalização neoliberal traz mudanças no mundo do trabalho, reduzindo os direitos dos trabalhadores e implantando novas concepções de trabalho, como o surgimento da terceirização e do trabalho precário.

### 1.3 - O Capitalismo em sua fase atual e suas configurações no mundo do trabalho

O capitalismo em sua fase atual e suas configurações no mundo do trabalho é tema de pesquisa de diversos estudiosos, dentre eles pode-se citar Ricardo Antunes, Giovanni Alves, Helena Hirata, Danièle Kergoat dentre outros, que vêm analisando e discutindo essas novas configurações no âmbito do trabalho, chamando atenção para temas como precariedade, flexibilização do trabalho e informalidade.

Os processos de precarização e informalidade foram construídos a partir de profundas mudanças ocorridas dentro do sistema capitalista, mudanças estas que acarretaram uma transformação nos modos de se conceber o trabalho.

Bila Sorj (2000) afirma sobre o trabalho na atualidade que o mesmo não mais se apresenta como no século passado; com os resultados de conflitos e crises sociais e políticas começou a se caracterizar com um grau avançado de padronização nos aspectos que se referem ao contrato de trabalho, lugar de trabalho e duração da jornada de trabalho.

Essa autora afirma que até os anos 1970, nas sociedades avançadas, o chamado “emprego em tempo integral e para a vida toda” era uma forte referência no horizonte dos trabalhadores.

O emprego desempenhava a poderosa função de articular diferentes níveis do sistema social: as motivações individuais, as posições sociais e a reprodução ou integração sistêmica. A construção das identidades sociais, ao menos para homens, tinha como principais determinantes a qualificação, a posição no emprego e as expectativas de carreira. (SORJ, 2000, p.31)

Em contrapartida, como afirma Bila Sorj (2000), a atualidade traz o emprego não mais como uma carreira contínua e bem estruturada, agora o trabalho é flexível no que se refere ao tempo, espaço e duração, dando origem a uma pluralidade de trabalho em tempo parcial, temporários ou por conta própria.

É nessa pluralidade de maneiras de se obter remuneração que o trabalho ganha outras formas. A pesquisa de campo realizada no lixão municipal de Imperatriz apresenta o trabalho dos catadores de lixo do lixão, que é um trabalho precário, informal e flexível. Sendo este um trabalho informal no sentido de que não está regido por leis trabalhistas e um trabalho flexível no que se refere ao tempo de trabalho, pois os horários são determinados pela produtividade, ou seja, pela coleta de lixo em maior quantidade, para assim conseguir uma maior obtenção de dinheiro. Sendo assim os catadores de lixo trabalham horas em excesso para produzir mais.

Ricardo Antunes (2006) afirma que no caso do Brasil também foram profundas as mudanças ocorridas dentro do capitalismo recente. Este autor afirma que desde a década de

1990 com o advento do receituário e da pragmática definidos no Consenso de Washington<sup>2</sup> houve uma enorme desregulamentação nas diversas esferas do trabalho.

Segundo Antunes (1999), as transformações nos países de capitalismo avançado foram intensas, que fizeram com que o fordismo e o taylorismo já não fossem os únicos processos produtivos. Além do surgimento do toyotismo teve também o crescimento do trabalho morto (mecanizado) e a exploração do trabalho vivo, ocorrendo também o enorme crescimento do chamado setor informal, da feminização e da precarização do trabalho.

Antunes e Alves (2004) afirmam sobre a classe trabalhadora do século XXI que a mesma é cada vez mais fragmentada, heterogênea e diversificada. Estas características trouxe à tona um conjunto de transformações que por sua vez culminaram nas configurações atuais que o trabalho se apresenta.

As mutações no mundo do trabalho segundo Antunes e Alves (2004) são tão diversas que fazem com que a classe trabalhadora de hoje não seja idêntica àquela existente no século passado. Pode-se pontuar que as mutações no mundo do trabalho fazem com que ocorra uma redução do chamado proletariado industrial, fabril, tradicional, manual, estável e especializado.

É possível identificar segundo Antunes e Alves (2004) um aumento do que eles denominam de novo proletariado fabril e de serviços. Antunes e Alves (2004, p.337) caracterizam este tipo de proletariado como: “os terceirizados, subcontratados, part-time”. É possível também identificar dentro destas mutações no mundo do trabalho um aumento significativo do trabalho feminino.

Antunes (2009) sobre isto afirma que o aumento do contingente feminino no mercado de trabalho se apresenta de forma parcial, pois o capital incorpora o trabalho feminino de forma desigual existindo uma divisão social e sexual do trabalho, onde os direitos, os salários e as condições de trabalho se apresentam de formas distintas para homens e mulheres.

Em relação à divisão sexual do trabalho, na medida em que se desenvolviam os processos de automatização e flexibilização do trabalho, presenciou-se um movimento de feminização da categoria que, entretanto, não foi seguido por uma equalização da carreira e do salário entre homens e mulheres nos bancos. Uma série de mecanismos sociais de discriminação – reproduzidos e intensificados nos ambientes de trabalho – estruturou relações de dominação e de exploração mais duras sobre o trabalho feminino, que se traduziram em desigualdades e segmentações entre gêneros. (ANTUNES, 2006, p. 21)

---

<sup>2</sup> O consenso de Washington foi formulado em 1989 por economistas, sendo uma conjugação de medidas, que se compõe de dez regras básicas que têm por intuito promover o ajustamento macroeconômico, essas regras por sua vez modificaram o mundo do trabalho, principalmente com a regra de desregulamentação que busca o afrouxamento das leis econômicas e trabalhistas.

Hirata e Kergoat (2007) afirmam que a divisão sexual do trabalho é a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais entre os sexos. Para o homem cabe o processo de produção e para a mulher o de reprodução. Para as autoras essa forma da divisão social do trabalho tem dois princípios organizadores: o de separação e o hierárquico, o primeiro afirmando que há trabalhos de homens e há trabalhos de mulheres, e o segundo afirmando que o trabalho do homem vale mais do que o da mulher.

A divisão do trabalho afeta tanto o trabalho profissional quanto o doméstico, pois dentro do lar observa-se uma total subordinação da mulher e uma “obrigatoriedade” para realizar os afazeres domésticos, já dentro do âmbito profissional observa-se a modalidade de empregos que possibilitam a reprodução dos papéis sexuais.

A maior inserção da mulher no mercado de trabalho também não significa uma distribuição mais equitativa dos afazeres domésticos; as mulheres continuam dedicando maior tempo a estas atividades do que os homens. Esse papel feminino, de responsável pelas tarefas domésticas, construído culturalmente, tem sido utilizado como argumento para a precarização do trabalho feminino, mediante a contratação de mulheres com jornada de trabalho parcial e salário reduzido. (NEVES; PEDROSA, 2007, p. 15)

Essa obrigatoriedade do trabalho doméstico é verificada na pesquisa de campo realizada no lixão de Imperatriz. As esposas dos catadores de lixo que também são catadoras de lixo no lixão devem dedicar uma parte do seu tempo para a realização dos afazeres domésticos.

Mesmo morando nos barracos no lixão, elas devem organizar seu tempo para que em um determinado momento da manhã possam fazer o almoço, desta forma já que o ganho é por produtividade, elas acabam tendo menos tempo para coletar e separar o lixo, consequentemente elas recebem menos dinheiro ao final da semana.

Outra tendência dentro destas mutações no mundo do trabalho se refere à chamada exclusão dos jovens. Os jovens ao atingirem a idade de ingressarem no mercado de trabalho se veem sem perspectivas de emprego. Como pontua Antunes e Alves (2004, p. 339): “sem perspectivas de emprego, acabam muitas vezes engrossando as fileiras dos trabalhos precários, dos desempregados, sem perspectivas de trabalho, dada a vigência da sociedade do desemprego estrutural”.

Dos doze catadores de lixo entrevistados na pesquisa de campo, quatro tinham menos que 30 anos de idade, os quatro são homens, considerados jovens, sendo que os quatro são alfabetizados, mesmo assim buscaram no lixão uma forma de sobrevivência, pela falta de trabalho em outros locais.

Um dos catadores entrevistados era ajudante de pedreiro no estado do Tocantins, mas ao chegar à cidade de Imperatriz só conseguiu trabalho no lixão municipal. Um dos rapazes entrevistados tem 18 anos de idade e é estudante do Instituto Federal do Maranhão (IFMA), mas até então não havia conseguido um emprego formal.

Um terceiro catador entrevistado tem 25 anos e apesar de já ter trabalhado três vezes de carteira assinada, como segurança, chefe de depósito e soldador, tem que trabalhar atualmente como catador de lixo e nos fins de semana faz “bico” de segurança em bares. E um quarto trabalhador com 28 anos de idade, tendo um filho pequeno e separado da esposa, vê no lixo sua única possibilidade de trabalho.

Há também dentro deste processo de mudança no mundo do trabalho a exclusão dos considerados “idosos” pelo capital. O sistema capitalista os exclui e ao mesmo tempo gera um aumento do emprego informal, pois dificilmente os trabalhadores com mais de quarenta anos conseguem reingressar no mercado de trabalho formal, levando-os a engrossar o contingente de trabalhadores que estão na informalidade.

Este aspecto também é observado através da pesquisa de campo. Dos doze catadores entrevistados, quatro tem mais de 40 anos de idade, tendo pouca ou nenhuma escolarização, os quais não veem nenhuma perspectiva de emprego formal, pois além da baixa qualificação ainda estão entre os que o capital exclui por causa da idade.

#### 1.4 – O Capitalismo no Brasil e a reestruturação produtiva

O capitalismo no Brasil é um processo de certa forma recente, pois somente durante o século XX foi que se iniciou o processo de desenvolvimento, principalmente a partir de 1930 com o governo de Getúlio Vargas. Antunes (2006, p.16) afirma sobre isto que “o capitalismo brasileiro, de desenvolvimento hipertardio quanto ao seu modo de ser, vivenciou, ao longo do século XX, um verdadeiro processo de acumulação industrial”.

Com a quebra da bolsa de valores de Nova Iorque em 1929, que por sua vez desencadeou uma crise da produção do café no Brasil foi que a indústria passou a figurar verdadeiramente no sistema econômico brasileiro. Para Antunes (2006, p.16) “as formas anteriores de indústria eram prisioneiras de um processo de acumulação que se realizava dentro dos marcos da exploração do café, no qual a indústria tinha o papel de apêndice”.

Antunes (2006) afirma ainda que a partir de 1930 a industrialização brasileira deslanchou e que em meados de 1950 no governo de Juscelino Kubitschek o padrão de acumulação deu o seu segundo salto. Em 1964 a partir do golpe militar, Antunes (2006)

afirma que se acelerou fortemente o processo de industrialização e internacionalização do mercado brasileiro.

Esse padrão de acumulação, desde JK e especialmente durante a ditadura militar, vivenciou amplos movimentos de expansão, com altas taxas de acumulação, entre os quais a fase do “milagre econômico” (1968-1973). O país vivia, então, sob os binômios ditadura e acumulação, arrocho e expansão. (ANTUNES, 2006, p.17)

Em meados da década de 1980 sob a chamada “Nova República” de Sarney, o padrão de acumulação centrado no tripé setor produtivo estatal, capital nacional e capital internacional sofreram suas primeiras alterações como afirma Antunes (2006).

No fim da ditadura militar e durante o período Sarney, o Brasil ainda se encontrava relativamente distante do processo de reestruturação produtiva do capital e do projeto neoliberal, em curso acentuado nos países capitalistas centrais, mas já se faziam sentir os primeiros influxos da nova divisão internacional do trabalho. (ANTUNES, 2006, p.17)

A partir do fim década de 1980 começou a ocorrer os primeiros impulsos do processo de reestruturação produtiva, esses novos impulsos levaram as empresas a adotar novos padrões organizacionais e tecnológicos e novas formas de organização social do trabalho, seguindo padrões inspirados no toyotismo e nas formas flexíveis de acumulação.

A reestruturação produtiva caracterizou-se inicialmente segundo Antunes (2006) pela retração de custos em consequência da redução da força de trabalho, como já se sabe o modelo de produção toyotista tem por característica o aumento da produção sem a necessidade de aumento de contratação de mão-de-obra.

De modo sintético, pode-se dizer que a necessidade de elevação da produtividade ocorreu por meio de reorganização da produção, redução do número de trabalhadores, intensificação da jornada de trabalho dos empregados, surgimento dos CCQs (círculos de controle de qualidade) e dos sistemas de produção just-in-time e kanban, entre os principais elementos. (ANTUNES, 2006, p.18)

Foi a partir da década de 90, segundo Antunes (2006), que a reestruturação produtiva do capital passou a desenvolver-se intensamente no Brasil, como consequência da implantação da chamada descentralização produtiva que tinha por intuito a busca de níveis rebaixados de remuneração da força de trabalho e a procura de incentivos fiscais, tudo isso sob a alegação da concorrência internacional.

Durante este período no contexto de desregulamentação do comércio mundial a indústria automobilística brasileira sofreu diversas mudanças, tanto no seu regime de proteção alfandegária como no incremento de inovações tecnológicas, o que por sua vez fez com que o processo de reestruturação produtiva se intensificasse ainda mais, surgindo mudanças organizacionais nas empresas que configuraram uma desverticalização, a subcontratação e terceirização da força de trabalho e a redução dos níveis hierárquicos.

Alves (2009) também descreve este período de 1990 como sendo uma fase de intensas mudanças na configuração do mundo do trabalho; para Alves (2009) esta fase da história econômica brasileira acarretou mudanças significativas no que se refere à ideia de um coletivo de classe social de lutas, pois com a entrada do neoliberalismo no Brasil houve o desmonte dos sindicatos, gerando conseqüentemente um desmonte dos direitos dos trabalhadores.

A reforma neoliberal, a partir do governo Collor, significou alterações substantivas na dinâmica da economia brasileira e, por conseguinte, na forma de ser do mercado de trabalho. O Brasil inseriu-se de forma subalterna no processo de mundialização do capital. (ALVES, 2009, p.192)

Outro elemento citado por Alves (2009) que se pode destacar da década de 90 é o que o autor denomina de precarização estrutural pautada pelo Programa Nacional de Desestatização (PND), criado no ano de 1991, que fez com que o patrimônio social se tornasse privado.

Para Alves (2009) esse processo de privatização do setor público trouxe um fortalecimento da acumulação do capital no Brasil, contudo, isso não significou um aumento em investimento produtivo, a realidade é que esse programa acarretou uma degradação do estatuto salarial das categorias de trabalhadores públicos, fazendo assim com que ocorresse a precarização do trabalho assalariado do setor público.

Outro autor que discute as fases de transformação da economia brasileira é Jorge Mattoso. Mattoso (1999) afirma que a economia brasileira se transformou principalmente após 1945, quando a economia urbana passou a gerar trabalho e incorporar pessoas expulsas do campo.

Mattoso (1999) afirma ainda que foi nos anos 80 que começou a ocorrer uma alteração na dinâmica do mercado de trabalho, começou também a se intensificar o desemprego urbano e a deterioração das condições de trabalho, com a ampliação da informalidade.

Segundo Mattoso (1999) foi a partir da década de 90 que surgiu uma nova fase do desempenho produtivo no Brasil que segundo ele foi medíocre e resultante de efeitos de oscilações do ciclo econômico sobre o mercado de trabalho. Para Mattoso (1999) nos anos 90 houve na realidade a desestruturação do mercado de trabalho e das condições e relações de trabalho, ou seja, a partir da reestruturação produtiva do capital observou-se uma elevada modificação do mundo do trabalho.

Sobre a chamada reestruturação produtiva entende-se que a mesma é uma das conseqüências das variações do sistema capitalista. Santos e Silva (2009) afirmam que:

A reestruturação produtiva diz respeito a uma série de mudanças no modo de produção capitalista, das quais são mais expressivas e podem elucidar o que de fato torna tão incrementado o modo de produzir com base na pragmática neoliberal,

quais sejam: a financeirização, a flexibilização, a terceirização, a precarização do trabalho, etc. (SANTOS e SILVA, 2009, p. 3)

Atualmente percebe-se um processo de flexibilização e desregulamentação dos direitos sociais do trabalhador brasileiro, o aumento da terceirização, além do processo de divisão sexual do trabalho, observando-se uma acentuada feminização do mundo do trabalho que se traduz ainda em desigualdades de gêneros.

A reestruturação produtiva no Brasil configura-se como aponta Mota e Amaral (apud SANTOS; SILVA, 2009) como sendo a marca da redução do trabalho regido por leis trabalhistas. Desta maneira, com a redução do trabalho regido por leis aumenta-se ainda mais a quantidade de empregos informais e precários.

A marca da reestruturação produtiva no Brasil é a redução dos postos de trabalho, o desemprego dos trabalhadores do núcleo organizado da economia e sua transformação em trabalhadores por conta própria, trabalhadores sem carteira assinada, desempregados abertos, desempregados ocultos por trabalho precário, desalento, etc. (MOTA; AMARAL apud SANTOS; SILVA, 2009, p. 3)

É preciso salientar que no mundo do trabalho a regulação do mercado incide sobre a força de trabalho. Segundo Santos e Silva (2009) a terceirização apresenta-se como opção extremamente viável ao capital e incisivamente destrutiva ao trabalho, percebe-se, portanto que as formas de reestruturação produtiva se apresentam como maneiras de flexibilizar o trabalho regulamentado.

### 1.5 – Flexibilização

Para Antunes (2010) a precarização estrutural do trabalho tem por intuito acabar com os direitos dos trabalhadores, pois a flexibilização do trabalho pode acarretar uma flexibilização da legislação trabalhista, o que para Antunes (2010) é visto como um desmonte das leis construídas a partir de lutas da classe trabalhadora.

E flexibilizar a legislação do trabalho, significa aumentar ainda mais os mecanismos de exploração do trabalho, destruindo os direitos sociais que foram arduamente conquistados pela classe trabalhadora desde o início da revolução industrial, na Inglaterra, e especialmente após 1930, quando se toma o exemplo brasileiro. (ANTUNES, 2010, p.634)

Para Richard Sennett:

A expressão “capitalismo flexível” descreve hoje um sistema que é mais que uma variação sobre um velho tema. Enfatiza-se a flexibilidade. Atacam-se as formas rígidas de burocracia, e também os males da rotina cega. Pede-se aos trabalhadores que sejam ágeis, estejam abertos a mudanças a curto prazo, assumam riscos continuamente, dependam cada vez menos de leis e procedimentos formais. (SENNETT, 2007, p.9)

A flexibilidade no que se refere ao comportamento humano busca fazer com que o ser humano se adapte às circunstâncias flutuantes do mercado, como afirma Sennett (2007) destruindo os males provocados pela rotina com a criação de instituições mais flexíveis.

Bila Sorj (2000) afirma que a flexibilização do trabalho acarreta a perda das funções protetoras do Estado, o aumento da individualização na construção e valorização das condições de empregabilidade, gerando com isso a incerteza e a insegurança para o trabalhador.

Richard Sennett (2007) afirma sobre o capitalismo flexível que o mesmo ataca as formas rígidas de trabalho, os trabalhadores devem estar cada vez mais abertos a mudanças e a assumir riscos continuamente, pois estão cada vez menos protegidos por leis e procedimentos formais. Observa-se que os trabalhadores estão cada vez mais imersos no processo de trabalho flutuante, ou seja, sem estabilidade alguma.

Para Sennett (2007) a carreira tradicional está fenecendo, a flexibilidade do trabalho mudou a estrutura institucional, as empresas eliminaram as camadas de burocracia e tornaram as organizações mais planas e flexíveis, “não há longo prazo”, este princípio corrói a confiança, a lealdade e o compromisso mútuo.

Nesse processo de flexibilização observa-se as mudanças decorrentes na rotina, ou melhor, na falta de rotina no trabalho, também surgiu desta flexibilização a ideia de “flexitempo” (que altera a carga horária e o local de trabalho) impulsionado pelo aumento de mulheres no mercado de trabalho, contudo é preciso ressaltar como afirma Sennett (2007, p.69): “na revolta contra a rotina, a aparência de nova liberdade é enganosa”. O tempo de trabalho está sujeito a novos controles e não está livre de limitações. É o que ocorre com os catadores de lixo do lixão de Imperatriz. A flexibilidade que possuem no trabalho não passa de um engodo, pois se não trabalharem arduamente não terão o suficiente para extraírem os meios de sua própria sobrevivência.

Esse processo de alteração de carga horária e de local de trabalho é algo que deve ser frisado, pois o trabalho não se restringe mais apenas à fábrica ou à empresa, ele se estende até o domicílio do empregado, tomando uma amplitude sem precedentes. Desta forma, quando o local de trabalho se amplia, amplia-se também a carga horária de trabalho e consequentemente a vida do trabalhador se modifica para se adaptar as configurações que o trabalho lhe exige.

Para Alves (2009, p. 195) “A pressão por horas extras - muitas delas, não pagas - e a extensão do tempo de trabalho consumindo o tempo de vida pessoal-familiar tornou-se uma das preocupações candentes dos trabalhadores assalariados da indústria, serviços e comércio”.

Outra característica interessante ressaltada por Sennett (2007) com relação a flexibilização do trabalho refere-se a compreensão que o trabalhador tem do mesmo; com este processo de flexibilização houve um desgaste e perda de poder dos sindicatos, ocasionando conseqüentemente perdas no que se refere a luta por direitos e melhores salários e também ocorrendo uma perda de visão de grupo ou movimento social.

Como afirma Sennett (2007, p. 80) o trabalho tornou-se ilegível ao trabalhador: “o trabalho não é mais legível para eles, no sentido de entender o que estão fazendo”. Uma das principais conseqüências desta flexibilização refere-se ao risco de perder a estabilidade no trabalho, “o risco vai se tornar uma necessidade diária enfrentada pelas massas” (SENNETT, 2007, p. 94).

Luciano Vasapollo (2006) também analisa este processo de flexibilização do trabalho e o entende como uma liberdade que a empresa adquiriu para demitir seus funcionários sem grandes penalidades, também podendo modificar a carga horária de trabalho sem aviso prévio, a faculdade da empresa de pagar salários baixos, possibilidade de dividir as jornadas de trabalho de seus empregados da maneira que for mais conveniente à empresa e o poder de contratar trabalhadores em regime de trabalho temporário.

Para Vasapollo (2006, p.46) “A flexibilidade, definitivamente, não é solução para aumentar os índices de ocupação. Ao contrário, é uma imposição à força de trabalho para que sejam aceitos salários reais mais baixos e em piores condições”.

Vasapollo (2006) discute ainda a caracterização do trabalho padrão que se configura pelas seguintes características: 1- o horário previsto de tempo integral, 2- a assunção para os trabalhadores empregados e o início da atividade autônoma para os trabalhadores independentes têm tempos e lugares determinados, 3- há uma grande diversidade de posição e papel entre quem trabalha como empregado e quem é independente. Vasapollo (2006) diz então que o trabalho atípico faz com que desapareçam estas três características.

Desta forma percebe-se de forma clara que a flexibilização inerente ao processo de globalização no sistema capitalista é um dos principais condicionantes da precariedade no trabalho, tema este que será discutido no próximo capítulo.

## CAP. 2 – PRECARIEDADE E INFORMALIDADE NO MUNDO DO TRABALHO

### 2.1 – Precariedade do trabalho

Para Marx (1980) a população de trabalhadores em sua fase histórica de análise se apresentava de três formas: flutuante, latente e estagnada. A flutuante se referia aos trabalhadores que ora eram repelidos do trabalho nas indústrias e ora eram atraídos por estas, configurando assim como os trabalhadores sem estabilidade no trabalho.

A forma latente se configurava como aquela que os trabalhadores do campo eram atraídos para as indústrias. A terceira forma e a que nos interessa discutir era a dos trabalhadores estagnados.

Marx (1980) explica que a terceira categoria da superpopulação relativa ou exército de reserva é a estagnada. A forma estagnada se refere aos trabalhadores que estão inseridos no mercado de trabalho, contudo, estão exercendo trabalhos irregulares. Desta forma percebe-se que o trabalho precário está presente dentro do sistema capitalista de forma contundente desde o início.

A terceira categoria de superpopulação relativa, a estagnada, constitui parte do exército de trabalhadores em ação, mas com ocupação totalmente irregular. Ela proporciona ao capital reservatório inesgotável de força de trabalho disponível. Sua condição de vida se situa abaixo do nível médio normal da classe trabalhadora e, justamente isso, torna-se a base ampla de ramos especiais de exploração do capital. Duração máxima de trabalho e mínima de salário caracterizam sua existência. (MARX, 1980, p. 127)

Diante do exposto pode-se entender que os catadores de lixo do lixão municipal de Imperatriz são trabalhadores estagnados, pois estão em ação, contudo em ocupações totalmente irregulares, e quando se fala em ocupações irregulares não se está falando em trabalhos que são contra a lei, fala-se de trabalhos que estão à margem da legislação trabalhista vigente e que sem nenhum amparo legal se tornam precários e informais, onde o trabalho excede em horas e mesmo assim se configura em baixa remuneração.

O trabalho dos catadores de lixo do lixão de Imperatriz está alocado dentro desta premissa de Marx “duração máxima de trabalho e mínima de salário caracterizam sua existência” (MARX, 1980, p. 127); percebe-se a partir das pesquisas que as horas trabalhadas por alguns destes catadores chega há mais de 10 horas por dia e a remuneração recebida apesar do esforço destes catadores é apenas de cerca de um salário mínimo, o que evidencia uma realidade de exploração vivida por estes homens e mulheres.

A precariedade para Mattoso (1999) pode se apresentar de duas formas, a primeira refere-se à precarização das condições de trabalho e a segunda diz respeito à precarização das relações de trabalho.

A precarização das condições de trabalho se refere ao aumento de caráter precário das condições de trabalho, para Mattoso (1999) este aumento se dá pela ampliação do trabalho assalariado só que sem carteira assinada, ou pelo aumento do trabalho por conta própria ou independente.

Mattoso (1999, p. 8) explica que o trabalho precarizado pode ser definido como aquelas atividades “sem renda fixa, em tempo parcial, enfim, pelo que se costuma chamar de bico. Em geral, a precarização é identificada com a ausência de contribuição à previdência social e, portanto, sem direito à aposentadoria”.

No lixão municipal de Imperatriz os catadores de lixo estão alocados dentro desta situação de precarização. No que se refere às condições de trabalho os catadores não possuem renda fixa, não contribuem para a previdência social e dessa forma não tem garantias de que conseguirão se aposentar no tempo certo, além disso, não possuem direitos sociais como auxílio-doença, auxílio-maternidade dentre outros amparos legais que são colocados à disposição do trabalhador caso necessitem.

A precarização das relações de trabalho se refere para Mattoso (1999, p. 8) a um “processo de deterioração das relações de trabalho, com a ampliação da desregulamentação, dos contratos temporários, de falsas cooperativas de trabalho, de contratos por empresas ou mesmo unilaterais”.

A precarização das relações de trabalho é também percebida no trabalho dos catadores de lixo do lixão. Os catadores não possuem nenhum contrato de trabalho, pois trabalham por conta própria, apenas um dos doze catadores entrevistados afirma participar de uma cooperativa, mas não possui nenhum apoio desta cooperativa há quase três anos.

A relação de trabalho existente é apenas aquela que os catadores estabelecem entre si e a dos catadores com o atravessador, que é a pessoa que compra o material separado para levar para as empresas de reciclagens da cidade. Esta relação do catador com o atravessador, entretanto, é bastante conturbada, pois os catadores que não vendem para um atravessador fixo e de “confiança”, acabam muitas vezes sentindo-se enganados pelos atravessadores que, segundo eles, “roubam na balança” com o intuito de pagar menos pelo material separado.

Os entrevistados em sua maioria relatam que foram buscar no lixão municipal de Imperatriz um trabalho que lhes garantissem a sobrevivência por um determinado período de tempo, enquanto não conseguissem um emprego fixo. No entendimento deles seria apenas um

“bico” até conseguirem um emprego estável. O que era para ser temporário se prolonga no tempo, já que continuam trabalhando sem garantias, sem a certeza de uma remuneração fixa e sem garantias legais e sociais.

A partir das falas de Mattoso (1999) percebe-se o quanto os catadores de lixo do lixão de Imperatriz estão inseridos nesta relação de trabalho deteriorado, com um trabalho totalmente desregulamentado eles se encontram sem nenhum tipo de sindicato que lhes auxiliem na busca por direitos trabalhistas e também sem participar de nenhuma cooperativa de trabalho que possam lhes oferecer algum tipo de auxílio ou benefício.

Para Antunes (2008) a precarização teve seu desenvolvimento na era moderna, com o intuito de explorar o trabalho humano com formas de trabalho sem direitos e benefícios, fazendo com que um grande contingente de trabalhadores deixasse de trabalhar no mercado formal e passasse a ser incorporado no mundo precário, sem horários e sem direitos trabalhistas do mercado informal:

Desenvolve-se, então, uma precarização, sem paralelos em toda era moderna, da força humana que trabalha, que oscila entre a busca de trabalhos precários e a vivência do desemprego. Há perenidade e superfluidade do trabalho porque os capitais não podem se reproduzir sem a extração do sobre-trabalho. Por outro lado, podem se reproduzir intensificando o trabalho daqueles que se encontram no mundo produtivo e expulsando um enorme contingente que não tem mais como ser incorporado e absorvido pelo mundo produtivo. (ANTUNES, 2008, p.7)

Para Antunes (1999) a redução da classe operária tradicional, tanto acarretou uma expansão do trabalho assalariado no setor de serviços, como a heterogeneização do trabalho, além da intensificação do trabalho parcial, temporário, precário e subcontratado.

Antunes (1999) parafraseando Alain Bihr (1991) afirma que essas diversas categorias de trabalhadores têm em comum a precariedade do emprego e da remuneração, além da desregulamentação das condições de trabalho em relação às normas legais vigentes, tendo uma conseqüente regressão dos direitos sociais.

Hirata (2009) aponta três indicadores do trabalho precário: 1) ausência de proteção social e de direitos sociais, inclusive direitos sindicais, 2) horas reduzidas de trabalho, que resultam em salários baixos e que levam à precariedade e 3) níveis baixos de qualificação.

A partir destes indicadores do trabalho precário apresentados por Hirata (2009), pode-se observar que os catadores de lixo estão inseridos dentro do primeiro princípio, isto porque estão alocados no mundo do trabalho sem proteção social e sindical, pois estes catadores não possuem nenhum tipo de legislação que os proteja, pois se encontram alijados do mercado formal de trabalho. Eles também não possuem sindicatos que possam lutar e reivindicar seus benefícios e direitos sociais.

O segundo indicador do trabalho precarizado apresentado por Hirata (2009) diz respeito ao fato de que o trabalho parcial implica quase sempre na baixa remuneração e, conseqüentemente, na precarização dos trabalhadores, em especial as mulheres, na medida em que estas precisam conciliar suas atividades laborais com o trabalho doméstico.

Nas entrevistas realizadas no lixão foi possível perceber que este indicador não reflete a realidade da maioria dos catadores de lixo do lixão municipal de Imperatriz, já que horas reduzidas de trabalho significam menos produtividade e menos produtividade significa menos dinheiro, desta forma os trabalhadores costumam ultrapassar as horas previstas para o trabalho e às vezes e para alguns significa passar a noite e o dia trabalhando. É preciso ressaltar que Hirata (2009) refere-se a trabalhadores que estão no mercado formal de trabalho e que pelo processo de “reestruturação do capital” são levados a “optarem” pelo trabalho de meio período. São formas distintas de precarização.

O trabalho em tempo parcial foi identificado no caso de duas catadoras entrevistadas, as quais chegam ao lixão pela manhã e saem no início da tarde, pois não possuem transporte para retornarem para casa, ou seja, ficam condicionadas a trabalharem em tempo parcial em razão de suas condições precárias de existência.

Já o terceiro indicador apresentado por Hirata (2009) é bem visível nas entrevistas realizadas, pois o nível de escolaridade da maioria dos catadores é baixo e para se tornar um catador de lixo não é preciso um curso ou qualificação profissional, basta somente ter disposição para enfrentar as diversas dificuldades existentes neste trabalho.

Para Vasapollo (2006, p.45) “a nova organização capitalista do trabalho é caracterizada cada vez mais pela precariedade, pela flexibilização e desregulamentação, de maneira sem precedentes para os assalariados”.

Outro autor que se pode citar para entendermos melhor este processo de transformação e precarização do mundo do trabalho é Berlinck (1974), o qual afirma que o processo de urbanização intenso se deu independente da industrialização das cidades, fazendo assim com que a população passasse para uma situação de subemprego e desemprego.

Algumas das falas dos catadores de lixo entrevistados refletem esta situação exposta por Berlinck (1974), vindos de cidades do interior do estado do Maranhão ou de cidades do interior de estados vizinhos, estes catadores buscavam empregos na cidade de Imperatriz que sendo uma cidade de médio porte representava uma expectativa de emprego e melhor qualidade de vida para a família.

É possível identificar a partir de suas falas que todos os entrevistados que não nasceram na cidade de Imperatriz se mudaram para a cidade com o intuito de “melhorar de

vida” a partir de oportunidades de trabalho, seja os que se mudaram na infância trazidos pelos pais, os quais estavam em busca de trabalho, seja os que se mudaram para Imperatriz já adultos em busca de trabalho para si próprios.

Alves (2009) ao analisar as mudanças no mundo do trabalho a partir do que ele considera como sendo a era neoliberal no Brasil, entende a precarização como algo inerente à reestruturação produtiva do capital, assim como a consequência da precarização sendo a ampliação da exploração da força de trabalho, os desmontes dos sindicatos e o crescimento exacerbado do desemprego nas cidades.

Para Alves (2009) a experiência da precarização no Brasil decorre da insegurança de classe que surge a partir da reestruturação produtiva e da fase neoliberal, essa insegurança refere-se à insegurança de emprego e de representação social, no que se refere aos desmontes de sindicatos e organizações coletivas dentro de uma ideia de classe social de trabalho.

Na década de 1990, ocorre uma mudança substantiva na dinâmica (e forma de ser) das greves no Brasil, que apontam para tendências novas, em contraste com a década anterior, indicando, deste modo, uma nova dinâmica da prática sindical-corporativa ou prática sindical propriamente dita. Na verdade, as dificuldades de “greves gerais” por categoria e a disseminação de greves por empresas no decorrer da “década neoliberal”, expressam condições objetivas adversas de precarização do mercado de trabalho e de ofensiva do capital na produção. (ALVES, 2009, p.190)

As mutações no mundo do trabalho, segundo Antunes e Alves (2004), tem desencadeado um processo multiforme, onde as principais tendências são a redução do trabalho industrial, o aumento do setor de serviços “terceirizados”, o aumento do trabalho feminino, a expansão de assalariados no setor de serviços, a exclusão dos jovens e idosos, o aumento do trabalho voluntário do chamado “terceiro setor”, a expansão do trabalho em domicílio e o aumento da transnacionalização do capital.

Há também uma precarização existencial vivida pelo trabalhador, que por sua vez, está intimamente ligada à precariedade do trabalho, esta precariedade existencial será analisada em um tópico mais à frente.

A partir dessas diversas visões de como se deu a precarização do trabalho e como ela se apresenta na realidade dos catadores de lixo do lixão municipal de Imperatriz é preciso que se entenda também que há diversas formas de ser da precariedade, as quais são tão multiformes quanto o próprio mundo do trabalho.

## 2.2- A precariedade do trabalho feminino

O ingresso das mulheres no mercado de trabalho, além de significar uma mudança no mundo do trabalho, também traz em seu bojo uma realidade intrínseca à sociedade patriarcal, essa realidade se refere ao fato de que as relações de gênero são, quase sempre, relações de dominação e de exploração.

Helena Hirata (2009) afirma sobre a precariedade do trabalho das mulheres que a mesma se relaciona com uma precariedade de existência das mulheres dentro da sociedade. A sociedade reproduz a visão androcêntrica do mundo, na qual as mulheres são vistas como “inferiores”, menos capacitadas para atividades de liderança e “naturalmente” preparadas para o serviço doméstico.

Penso igualmente que a divisão sexual da precarização do trabalho não pode ser explicada ou elucidada sem que se recorra à dimensão extratrabalho, principalmente à relação entre os homens e as mulheres no universo doméstico. (HIRATA, 2009, p. 25)

As mulheres são desfavorecidas em termos de postos de trabalho e responsabilidades, tendo segundo Hirata (2009) um lugar subordinado nas instâncias de decisão e de atribuições de responsabilidade. É interessante perceber que o aumento do contingente feminino no mundo do trabalho seja ele formal ou informal, é acompanhado por um crescimento de uma situação de vulnerabilidade da mulher em relação ao homem.

É importante perceber que as relações de gênero vão muito além da delegação de responsabilidades dentro do âmbito do trabalho, essa relação também se apresenta de maneira contundente dentro dos serviços a serem realizados. Segundo Hirata (2009) existem trabalhos ditos masculinos e há trabalhos ditos femininos.

Esta questão de trabalhos específicos para cada gênero traz à tona a ideia de que as qualidades “ditas femininas” como cuidar de crianças, cozinhar e realizar a limpeza de casa “falam mais alto” do que o aspecto profissional da mulher. Hirata (2009) sobre isto cita e discorda da concepção de Pierre Naville e Georges Friedmann, que afirmam que os homens possuem qualificações e as mulheres apenas “qualidades”, consideradas naturais e inatas.

No caso dos catadores de lixo no lixão municipal de Imperatriz não é possível fazer uma distinção nítida entre trabalho de homens e trabalho de mulheres, pois ambos fazem o mesmo trabalho. Isto não significa uma igualdade de gênero naquele ambiente. A situação das mulheres que trabalham no lixão expressa uma relação de gênero, marcada pela subordinação da mulher em relação ao homem, sobretudo em razão de seus afazeres domésticos. Dentro do lixão de Imperatriz observa-se que a maioria dos catadores são homens. As entrevistas

realizadas traduzem esse quadro, pois de doze entrevistas feitas, apenas quatro foram realizadas com catadoras. A despeito de não ter sido feita uma contagem da quantidade de homens e de mulheres, as observações de campo não deixam dúvida de que o número de mulheres que trabalham ali é bem inferior do que o de homens.

Das quatro mulheres entrevistadas, uma trabalha no lixão acompanhada pelo esposo; uma segunda é a chefe de sua família e sustenta a casa, contudo só trabalha um período parcial. Uma terceira é casada, mas o esposo trabalha em uma reciclagem e a outra, a quarta, é moradora do lixão, mas mora no barraco de um senhor que lhe oferece proteção.

A partir deste quadro exposto compreende-se que o ambiente do lixão não é muito propício para mulheres, pois estas são vistas como mais vulneráveis e frágeis, sentindo-se muitas vezes inseguras no local de trabalho. Isto se percebe por suas falas, como a de uma catadora que disse que fica no local durante a semana alojada em um barraco com o esposo. Talvez em razão da vulnerabilidade feminina e da sensação de insegurança, ela fez questão de mencionar que seu esposo também fica com ela no local.

Duas catadoras têm de voltar para suas casas no início da tarde, sendo que uma delas usa uma bicicleta para chegar ao lixão e na volta para casa pega carona no carro de lixo e a outra não possui nenhum transporte e vem e vai de carona no carro do lixo. O marido desta última trabalha em uma reciclagem e sempre que pode vem acompanhá-la no trabalho e lhe ajuda. A catadora que mora no lixão e que não é casada recebe o amparo de um senhor que não é seu parente, o qual lhe oferece proteção e amparo no trabalho, dando-lhe abrigo em seu barraco.

É interessante ressaltar que nenhum dos homens entrevistados precisa ficar no barraco de alguém como forma de proteção ou precisa ir embora ao início da tarde por medo ou para ter que fazer os afazeres domésticos. Os homens que estão com as esposas também trabalhando no lixão sempre afirmam que o trabalho delas é para auxiliar na renda, ou para elas fazerem a comida. É possível verificar pelas falas dos catadores que suas esposas catam menos lixo do que eles e conseqüentemente ganham menos. A remuneração delas, portanto, é auxiliar e não a principal.

No cálculo da remuneração também é possível notar uma diferença entre gêneros, enquanto as mulheres fazem uma quantia de dinheiro de no máximo uns 150,00 reais por semana os homens chegam a ganhar até 250,00 reais por semana. Diante do exposto percebe-se que mesmo dentro do trabalho precário a mulher ainda possui um lugar mais subalterno e mais precário dentro do mundo do trabalho.

### 2.3- A informalidade

O conceito de setor informal surgiu a partir de uma formulação da Organização Internacional do Trabalho (OIT). Segundo a OIT existem dois tipos de setores: o formal e o informal. O setor formal é caracterizado por unidades produtivas organizadas, já o informal é regido por pouco capital, mercados não regulamentados e pouco competitivos.

A OIT entende que o setor informal está compreendido por atividades de baixa produtividade, desenvolvidas por trabalhadores que não estão subordinados às leis trabalhistas. Segundo a OIT, a partir de 1990 houve um crescimento desta economia informal que passou a englobar um conjunto heterogêneo de trabalhadores:

A partir da década de 1990, observa-se um grande crescimento da economia informal nas médias e grandes cidades brasileiras, passando a englobar um conjunto heterogêneo de trabalhadores. Paralelamente a esse aumento, tem-se o crescimento de outras formas de trabalho não regulamentadas pela legislação trabalhista, que podem ser vistas como participantes de um contexto mais amplo de precarização do trabalho. (ALVES; TAVARES, 2006, p. 428)

Segundo Neves e Pedrosa (2007) a informalidade é um fenômeno inerente ao sistema capitalista. Antunes (2009) afirma que a classe que vive do trabalho se apresenta neste novo cenário do mundo do trabalho como aquela que engloba a totalidade daqueles que vendem sua força de trabalho, que não se restringe apenas ao trabalho manual direto, mas a totalidade do trabalho social, coletivo assalariado, também os trabalhadores improdutivos, cujas forças de trabalho são utilizadas como serviços, além da classe informal e os trabalhadores desempregados.

A informalidade é analisada segundo as dinâmicas da reestruturação produtiva do capital, ela não se refere apenas a economia ilegal ou não registrada, ela também se engloba nas estruturas produtivas dos mercados formais, através do processo de flexibilização do trabalho.

Como afirma Neves e Pedrosa (2007, p.18) há três aspectos comuns nas economias informais: 1- conexão com a economia formal, 2- características especiais do trabalho empregado nas atividades informais, 3- as atitudes do governo em direção a não regulação do setor.

A conexão com o setor formal é uma característica presente no trabalho informal dos catadores de lixo do lixão de Imperatriz. O trabalho dos catadores de lixo do lixão tem uma conexão com as empresas de reciclagens na cidade de Imperatriz, assim os atravessadores compram o material dos catadores e revendem para estas empresas.

As características do trabalho informal são diversas, destacando-se a jornada excessiva de trabalho em alguns casos e o trabalho parcial em outros, a baixa remuneração, geralmente o ganho por produtividade, a falta de proteção social e a ausência de garantias legais. Todas essas características estão presentes no trabalho dos catadores de lixo.

A atitude do governo em relação ao trabalho informal é apenas na direção da não regulação do setor, pois a flexibilização do trabalho está cada vez mais presente e se tornando cada vez mais útil aos proprietários do capital. Prevalece a lógica do capital e não a lógica social, pois quanto menor for a regulamentação maior parece ser o lucro.

Segundo Antunes (2011) existem três principais classes de trabalhadores envolvidos no âmbito da informalidade: os trabalhadores informais tradicionais, os assalariados sem registros e os trabalhadores por conta própria.

Os trabalhadores informais tradicionais estão inseridos nas atividades que requerem baixa capitalização, que buscam uma remuneração para a sobrevivência individual e familiar. Antunes caracteriza-os de duas formas: os menos instáveis e os mais instáveis:

Os menos instáveis, que possuem um mínimo de conhecimento profissional e os meios de trabalho e, na grande maioria dos casos, desenvolvem suas atividades no setor de serviços (...) há também os informais mais instáveis, recrutados temporariamente e com frequência remunerada por peça ou por serviço realizado. Eles realizam trabalhos eventuais e contingenciais, pautados pela força física e pela realização de atividades de baixa qualificação. (ANTUNES, 2011, p. 409)

É exatamente dentro desta categoria de informalidade instável que os catadores de lixo do lixão de Imperatriz se situam, atraídos para um trabalho precário realizam seu trabalho pautado no esforço físico e que não exige qualificação, de forma que a remuneração é pelo serviço realizado, sendo que quanto maior for a coleta de material reciclável, maior será a remuneração.

É interessante ressaltar a questão do esforço físico realizado pelos catadores de lixo. O trabalho dos catadores do lixão de Imperatriz é extremamente insalubre, pois estes trabalhadores não tem nenhuma proteção do sol e da chuva no período de trabalho, não têm água potável para beber, devem ser extremamente rápidos na hora de catar o lixo, antes que os tratores empurrem o lixo para o boqueirão, buraco onde o lixo cai e é queimado.

Esses trabalhadores informais estão inseridos na divisão social do trabalho capitalista e contribuem para que se efetive a circulação e consumo das mercadorias produzidas. Nesse sentido, Antunes afirma:

Defendo a tese de que a sociedade do capital e sua lei do valor necessitam cada vez menos do trabalho estável e cada vez mais das diversificadas formas de trabalho parcial ou part time, terceirizados, que são em escala crescente, parte constitutiva do processo de produção capitalista. (ANTUNES, 2009, p. 119)

A partir do observado na pesquisa de campo realizada no lixão de Imperatriz é possível entender que o trabalho dos catadores de lixo é de suma importância para o capital, afinal os catadores não são funcionários das reciclagens consequentemente não geram despesas fixas e nem impostos aos empresários donos dessas reciclagens e se submetem à lei do preço estabelecido pelos atravessadores, ou seja, quem se beneficia do trabalho precário destes catadores é o capital, pois, não tem obrigações referentes a estes trabalhadores e mesmo assim utiliza sua força de trabalho para aumentar seus lucros.

É preciso ressaltar que este trabalho informal se caracteriza pela baixa renda, pelo não acesso aos direitos trabalhistas como aposentadoria, FGTS, auxílio-doença, licença maternidade e pela falta de assistência dos poderes públicos. Nesse caso, se alguém adoecer e for forçado a parar de trabalhar acaba por perder toda a remuneração que o sustenta.

Uma característica importante do trabalho informal se refere ao fato de não haver horários fixos, e como a remuneração é por produtividade ou serviço, costuma-se passar muitíssimo do horário regular de trabalho, que no Brasil a jornada regulamentada é de oito horas por dia.

Os catadores do lixão vivenciam todos os dias essa realidade de excesso de horas trabalhadas. Alguns dos catadores relatam que como forma de conseguir ampliar a remuneração semanal, costumam muitas vezes trabalhar de dia e de noite e nos fins de semana. Os catadores entrevistados afirmam que trabalham de 8 a 14 horas por dia.

A segunda característica da informalidade se refere aos trabalhadores informais assalariados sem registro. De acordo com Antunes:

Ao arrepio da legislação trabalhista, uma vez que perderam o estatuto de contratualidade e que passam da condição de assalariados com carteira assinada para a de assalariados sem carteira, excluindo-se do acesso das resoluções presentes nos acordos coletivos de sua categoria. (ANTUNES, 2011, p. 410)

A terceira característica da informalidade se refere aos trabalhadores informais por conta própria: “Podem ser definidos como uma variante de produtores simples de mercadorias, contando com sua própria força de trabalho ou de familiares e que podem inclusive subcontratar força de trabalho assalariada”. (ANTUNES, 2011, p.410)

Estas características dos trabalhadores informais são de suma importância para que se compreenda a abrangência da informalidade no mundo do trabalho. O que mais preocupa a respeito destas formas de trabalhos atípicas se refere ao fato da total ausência de amparos legais para as suas vigências. Segundo Carelli (2010) as leis trabalhistas quando consolidadas em nosso país se apresentavam voltadas ao chamado trabalho subordinado urbano no comércio e indústria, deixando de lado as outras formas de trabalho.

De início compreende-se que qualquer que fosse os trabalhos que não se adequassem a estes requisitos impostos pela lei, não haveria amparo do chamado direito do trabalho. Com a constituição de 1988 e com leis que se seguiram houve diversas modificações nas leis trabalhistas, contudo, percebe-se que a sociedade do trabalho é bastante plural e as formas atípicas de trabalho ainda continuam fora do olhar e do amparo das leis trabalhistas. Sobre isto afirma Carelli:

Assim, ao se adentrar no tema “formas atípicas de trabalho” não se estará querendo eliminar o direito do trabalho, mas sim ampliar sua estrutura para albergar essas novas formas de trabalho que se apresentam, com o fim maior de implementação do superprincípio de Dignidade da Pessoa Humana na figura do trabalhador. (CARELLI, 2010, p.20)

É de total importância que se passe a discutir e a analisar as diversas formas existentes de trabalho na atualidade, pois só por meio de amplas discussões é que se poderão encontrar soluções viáveis para ampliar as leis trabalhistas e garantir direitos aos trabalhadores brasileiros, inclusive aos catadores de lixo do lixão municipal de Imperatriz.

#### 2.4- Condição existencial de precariedade

Diante do exposto a respeito do trabalho e sua importância para a sociedade, compreende-se que o mesmo vai muito além de uma simples parte da vida do ser social. O trabalho historicamente já se mostra como um condicionante econômico, político e até mesmo das relações sociais estabelecidas entre os indivíduos.

Esta realidade de relação entre trabalho e existência é evidente na vida dos catadores de lixo do lixão de Imperatriz, o trabalho por eles realizado integra-se a vida e a vida integra-se ao trabalho.

Giovanni Alves e Esdras Selegrin (2011) analisam a relação entre trabalho e existência a partir das concepções de Karl Marx, e afirmam que a concepção de Marx sobre trabalho e vida é que “Ele não desvincula *trabalho* e *vida*; para homens e mulheres imersos na condição de proletariado, trabalho é vida e vida é trabalho”. (ALVES e SELEGRIN, 2011, p.76).

É o que se observa na realidade dos catadores de lixo do lixão municipal de Imperatriz. A condição precária de trabalho a que estão submetidos se reflete na condição precária de suas vidas e vice-versa, pois em sua grande maioria são trabalhadores com baixa escolarização, pouca ou nenhuma qualificação profissional, morando em bairros periféricos ou no próprio lixão. Enfim, não apenas seus trabalhos são precários, suas vidas igualmente o são.

Para Alves e Selegrin (2011) a relação entre trabalho e existência é clara no que se refere a entender como se configura o ser social e suas relações, entendem a partir de Marx que a vida está ligada ao trabalho assim como o trabalho está ligado à vida.

Os autores falam sobre a condição de proletariado como uma condição existencial fundante e fundamental da modernidade do capital, acreditam desta forma que homens e mulheres estão despossuídos dos meios de produção da sua vida social.

A “classe” (entre aspas) do proletariado é o conjunto social de homens e mulheres, alienados da propriedade/controlado social dos meios de produção da vida, que estão subsumidos a uma condição existencial histórico-particular: a condição de proletariedade. (ALVES e SELEGRIN, 2011, p.71)

A condição de proletariedade é uma condição existencial como diz Alves e Selegrin (2011), constituída a partir do modo de produção do capital. É importante frisar que estar dentro da condição existencial de proletariedade não significa necessariamente pertencer à classe social do proletariado.

A multidão e o povo se constituem como classe no sentido pleno do conceito quando se indignam, resistem individual ou coletivamente, ou ainda, organizam-se e lutam, em si e para si, como sujeito histórico de classe capaz de mudança social contra a condição de proletariedade. (ALVES e SELEGRIN, 2011, p.73)

Uma consciência de classe que realmente não existe na grande maioria dos catadores de lixo do lixão, pois além de não existir sindicatos e cooperativas de trabalho que eles possam se articular como um grupo, também não existe nenhuma visão de coletividade por parte deles.

Esta falta de consciência de classe se reflete nas falas sobre o que poderia ser feito para melhorar a condição de trabalho para eles no lixão, em que os catadores que responderam em sua grande parte afirmam que “para mim está bom desse jeito”, uma resposta individualista e conformada, é preciso contudo ressaltar que, as experiências coletivas até então vistas e vividas por estes catadores por meio de associações e cooperativas de trabalho, não proporcionaram a eles nenhum benefício, o que talvez impulse esta falta de visão de coletividade.

Para Alves e Selegrin (2011) os proletários, ou seja, homens e mulheres imersos na condição histórico e existencial de proletariedade são obrigados pela necessidade de sobrevivência a se submeterem às condições de exploração capitalista.

Desta forma percebe-se que é a necessidade de sobrevivência que move o trabalho dos catadores de lixo, que chegaram ao lixão de Imperatriz com o intuito de conseguir por meio do trabalho ali realizado manter e suprir as suas necessidades e de sua família. São as relações

sociais que os trabalhadores estabelecem que modificam tanto a sociedade quanto a si mesmos. Nesse sentido,

São perceptíveis os nexos essenciais entre produção e reprodução social, trabalho e vida cotidiana, objetividade e subjetividade do homem que trabalha. Eles compõem uma totalidade na qual está imerso o *indivíduo social de classe*. (ALVES e SELEGRIN, 2011, p.77)

Não há como desvincular o objetivo do subjetivo, pois as relações vividas no trabalho e na existência do trabalhador se refletem na subjetividade de cada um destes trabalhadores. É possível perceber em suas falas o quanto o trabalho que exercem afetam sua subjetividade. Uma das catadoras entrevistadas ao ser questionada se já sofreu ou sofre algum preconceito respondeu da seguinte forma: “Não tem preconceito, mas quando eu vou para rua eu não falo, uma vez eu fui na rua vestida como catadora e pedi água numa casa, a mulher trouxe o copo com as mãos na luva”.

Ao serem perguntados se sentem algum tipo de vergonha por causa de seu trabalho alguns claramente respondem que sim, já outros afirmam que não, mas todos deixam entender que o trabalho que realizam lhes afeta ou ao menos já lhes afetaram subjetivamente em algum momento de sua vida, seja na escola, com os vizinhos ou com os familiares.

Na fala de um dos catadores entrevistados é possível notar o constrangimento ao falar sobre o seu trabalho com os colegas de escola: “Lá no IFMA os colegas não sabem que eu sou catador, só duas amigas que perguntaram de que eu trabalhava e eu falei”.

Outro entrevistado afirma que na escola dos filhos ficou combinado com a direção e os professores para que não se falasse do seu trabalho. Conforme a fala de uma catadora: “na escola dos meus meninos os colegas deles não sabem, só os professores e diretores que sabem, porque se não eles vão ser discriminados. Quando os colegas dos meus filhos perguntam do que eu e o pai deles trabalham, eles dizem que não sabem. Os meninos não falam não, pois fica com vergonha, já tão bem grandinho”.

Alves (2013, p.235) afirma que “a precarização do trabalho põe-se não apenas como precarização salarial, mas precarização existencial, alterando os registros históricos da questão social no século XXI.” Nesse sentido entende-se que a precarização do trabalho no neoliberalismo, também afeta a existência do trabalhador no que se refere a garantias trabalhistas, que são por sua vez garantia de uma melhor condição de vida e existência.

É interessante compreender que a precariedade existencial não é apenas uma precariedade dos direitos trabalhistas, a precariedade existencial afeta todos os espaços vividos pelo trabalhador, inclusive os espaços de lazer.

## 2.5- A relação da subjetividade do status com o trabalho

O trabalho também tem uma relação extremamente subjetiva com o “status” do ser humano dentro da sociedade capitalista, não há como separar trabalho e ser humano. Pode-se citar como exemplo o fato de uma pessoa que não trabalha ou estuda muitas vezes ser vista pela sociedade como “vagabunda”, ou uma pessoa que têm um determinado curso superior ou um bom emprego ser visto como “Doutor”.

A diferenciação de status não fica restrita apenas a ter ou não um emprego no mercado de trabalho, seja ele formal ou informal, precário ou não. Há uma diversidade de status sociais vinculados ao mundo do trabalho, ganhando destaque a separação entre trabalho manual e trabalho intelectual.

Compreende-se que o papel do trabalho na sociedade é algo que constitui o chamado ser social. O trabalho é algo visto na sociedade como algo extremamente importante e valoroso, mas a partir do momento que o trabalhador exerce uma atividade tida como inferior, ruim ou considerada imunda, ele passa a ser estigmatizado, ou seja, o trabalho perde seu valor e torna-se algo depreciativo para quem o pratica.

O trabalho informal é visto como inferior ao formal da mesma forma que o trabalho precário, seja ele formal ou informal, é considerado inferior àquele de elevado status social. De acordo com Celeguim e Roesler (2009, p. 1), “A Invisibilidade Social é um assunto relativamente novo e se relaciona à forma como são vistos os trabalhadores de profissões desprovidas de status, glamour, reconhecimento social e adequada remuneração”.

Mediante esta afirmação de Celeguim e Roesler (2009) o que se pode falar então de um catador de lixo do lixão municipal de Imperatriz, qual status lhe é dado pela sociedade? Como um dos catadores mesmo cita em uma de suas falas “eu sinto vergonha. O nome já diz: LIXO”; um nome que já confere por si só um status de inferioridade aos catadores.

A despeito do trabalho dos catadores de lixo ser totalmente invisível socialmente, na medida em que a contribuição destes trabalhadores à sociedade e ao meio ambiente não é reconhecida, sua visibilidade é totalmente exacerbada no que se refere a uma visão estigmatizante e preconceituosa.

Assim, os trabalhadores que executam tarefas imprescindíveis à sociedade moderna, mas assumidas como de categoria inferior pelos mais variados motivos, geralmente não são nem percebidos como seres humanos, e sim apenas como “elementos” que realizam trabalhos a que um membro das classes superiores jamais se submeteria. Em consequência, o que não é reconhecido não é visto. (CELEGUIM e ROESLER, 2009, p. 1)

Esta realidade se encontra presente em todo o cotidiano dos catadores de lixo do lixão municipal de Imperatriz que muitas vezes não são nem vistos como trabalhadores, na realidade a sociedade não sabe nem ao certo o que os catadores de lixo fazem no lixão. Os catadores que trabalham no lixão afirmam que muitas pessoas acham que no lixão só há marginais, um dos catadores afirma em uma de suas falas que “o povo pensa que aqui só tem gente ruim, mas aqui tem muita gente boa, trabalhadora”.

Em paralelo, trabalhos manuais - especializados ou não -, embora fundamentais, também não têm o devido reconhecimento pela sociedade. Uma das premissas é que, por serem geralmente sujos, as pessoas os consideram trabalho marginal, além de repetitivo e destituído de inteligência. São vistos como inferiores pela sociedade em geral, apesar de sua importância econômica. (CELEGUIM e ROESLER, 2009, p. 1)

Neste quesito o trabalho dos catadores de lixo do lixão de Imperatriz se encontra inserido de forma bem concreta no que se refere a um pensamento totalmente impregnado de prenoções e preconceitos, pois é um trabalho manual que exige esforço físico e repetitivo, visto por muitos como destituído de inteligência.

Por outro lado, como já se tem salientado, o trabalho dos catadores de lixo sempre é útil ao capital e a toda sociedade, mesmo não sendo visto e reconhecido. Apesar da precarização das condições de trabalho e da precariedade existencial do trabalhador, este tipo de trabalho cumpre sua função social na sociedade capitalista do século XXI, marcada pelos antagonismos entre trabalho e capital, além de dar sua parcela de contribuição ao meio ambiente.

O poder público ainda não cumpriu com o seu dever de construção de um aterro sanitário, desta forma, os catadores de lixo assumem a frente como agentes que tiram da natureza aquilo que demoraria anos para se decompor. Sendo assim, o trabalho dos catadores de lixo do lixão é de extrema importância para o bom desenvolvimento da cidade de Imperatriz, tanto no sentido ambiental quanto social.

## CAP. 3 – A PRECARIIDADE DOS CATADORES DE LIXO DO LIXÃO MUNICIPAL DE IMPERATRIZ

O trabalho dos catadores de lixo do lixão Municipal de Imperatriz reflete uma realidade de trabalho e vida que se encontra dentro da lógica de precariedade. O trabalho destes homens e mulheres que lidam com o lixo é cheio de significados e noções pré-estabelecidas, desta forma, ser um catador de lixo vai muito além da esfera do trabalho.

Moraes (2009, p.3) diz que “de acordo com Veloso (2007) no final da Idade Média e na Modernidade os que cuidavam do destino final do lixo eram marginais à sociedade (prostitutas, mendigos, prisioneiros de guerra...)”. O estigma de ser catador de lixo foi algo formado durante o decorrer da história, sendo assim, os catadores de lixo do lixão além de possuírem um trabalho e uma vida precária ainda devem conviver com este estigma.

Trabalhar como um catador de lixo no lixão, para a maioria dos catadores, não é uma opção, na verdade é a única possibilidade de se manter e manter a sua família. Muitas vezes os catadores que não possuem nenhum tipo de qualificação profissional ou possuem baixa escolaridade e mesmo aqueles que possuem qualificações profissionais e certo nível de escolaridade, mas não possuem oportunidades de trabalho, buscam no lixo sua fonte de obter remuneração.

### 3.1- O perfil dos Catadores de Lixo do Lixão Municipal de Imperatriz

Os catadores de lixo do lixão municipal de Imperatriz trabalham recolhendo materiais recicláveis que são despejados no lixão pelos carros de lixo da prefeitura. Depois de recolher o lixo que pode ser reciclado, os catadores separam o material de acordo com a sua procedência química, para logo após venderem para os atravessadores<sup>3</sup>.

Os catadores coletam os materiais que podem ser vendidos para ser reciclados, materiais como alumínio, plástico, cobre, bronze, dentre outros. Esses materiais depois de coletados são separados de acordo com o tipo de material que faz parte da sua composição.

Após a separação do material para reciclar entra em cena a figura do atravessador, que pesa o material separado e de acordo com o valor do quilo paga os catadores pelos produtos coletados. Os atravessadores levam o material separado para as empresas de reciclagem da cidade de Imperatriz e revendem este material às empresas de reciclagens.

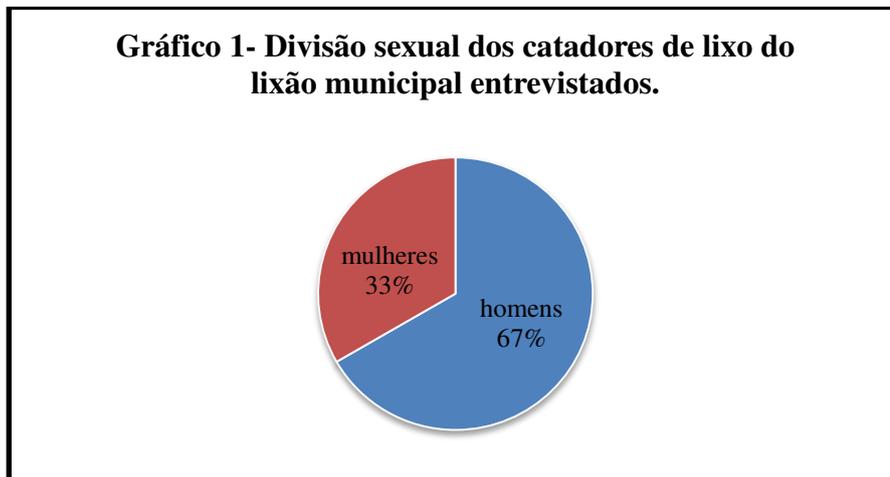
---

<sup>3</sup> Os atravessadores são os responsáveis pela compra do material coletado e separado pelo catador de lixo. Após a compra os atravessadores levam o material para as empresas de reciclagem e revendem.

A quantidade exata de catadores que trabalham no lixão municipal de Imperatriz é inexata para os catadores daquele local, pois cada catador entrevistado disse haver uma quantidade diferente, variando de 50 até 150 pessoas.

Foram entrevistados para esta pesquisa um total de doze catadores de lixo do lixão, sendo que deste total oito são homens e quatro são mulheres. A quantidade de homens que trabalham no lixão é superior à quantidade de mulheres e o número de entrevistas realizadas reflete esta realidade.

O intuito principal das entrevistas foi procurar saber quem são estes catadores e traçar o seu perfil sociocultural, buscando verificar suas condições de vida e de trabalho, em especial em relação ao conceito de precariedade do trabalho e precariedade existencial. Sendo assim a porcentagem de entrevistados ficou:



Fonte: Pesquisa de campo no lixão de Imperatriz – dezembro de 2017

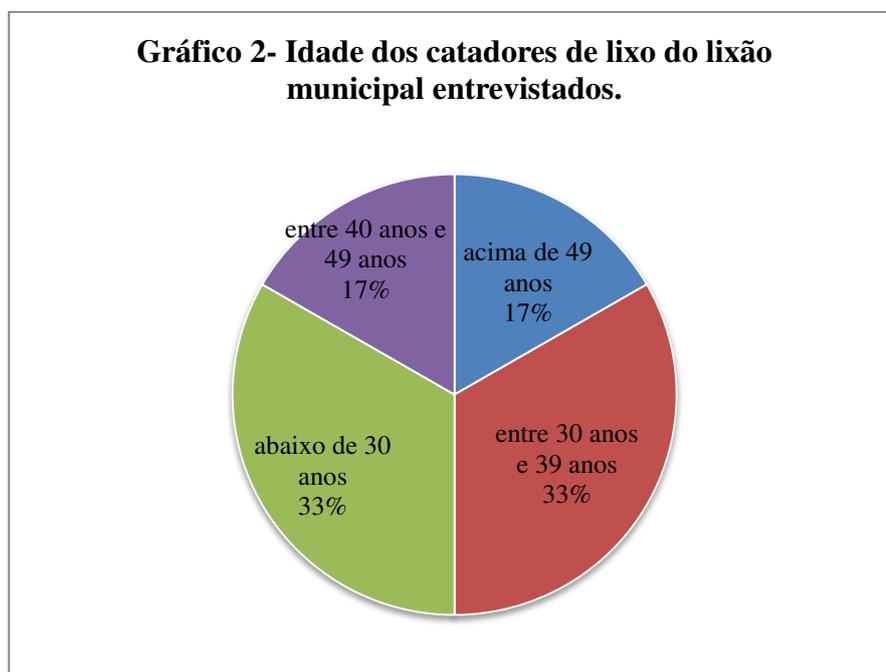
É possível deduzir, pela observação realizada *in loco*, que as mulheres entrevistadas representam a realidade do trabalho feminino naquele local, isto principalmente pela diversificação de realidades encontradas naquele ambiente e relatadas nas entrevistas.

Uma das catadoras trabalha no lixão juntamente com o esposo, o que garante a ela uma maior proteção, pois ela dorme no local de trabalho. Uma segunda trabalhadora é solteira e trabalha no lixão há 20 anos e usa a bicicleta como meio de transporte para chegar ao local. Uma terceira entrevistada pega carona nos caminhões que carregam lixo para chegar ao lixão e retornar para sua casa e a quarta catadora é moradora do lixão.

Ao se observar as catadoras que trabalham no lixão percebe-se que as suas realidades não destoam daquelas que concederam entrevistas, pois umas estão no local acompanhando o esposo, outras são as chefes de suas famílias e trabalham no lixão para manter a casa, outras

não têm meio de transporte para chegar até o local e usam o carro de lixo como carona e as que no lixão moram, não moram ali sozinhas, sobretudo pelo perigo que o local representa para uma mulher sozinha.

No que se refere à idade dos entrevistados, a média é de 35 anos, sendo que o catador mais velho que fora entrevistado tinha 58 anos e o mais novo tinha 18 anos. A média de idade entre as mulheres entrevistadas foi de 42 anos, já os homens ficaram com uma média de idade de 31 anos. Na totalidade as idades dos catadores se configuram da seguinte forma em porcentagens.



Fonte: Pesquisa de campo no lixão de Imperatriz – dezembro de 2017

A idade diversificada dos entrevistados se deve ao fato de que o desemprego na atualidade atinge uma grande e variada parte da população. Antunes (2010, p. 633) afirma que se está presenciando na atualidade uma “explosão do desemprego estrutural em escala global, que atinge a totalidade dos trabalhadores, sejam homens ou mulheres, estáveis ou precarizados, formais ou informais, nativos ou imigrantes”.

O desemprego oriundo das novas transformações do mundo do trabalho gera mutações nas formas como o trabalho se apresenta, sendo assim, o trabalho de catador de lixo se torna uma saída para o desemprego.

Durante as entrevistas foi possível verificar que oito catadores entrevistados estavam com até 35 anos de idade e que cinco deles chegaram ao lixão trazidos pelos pais, ainda na

adolescência, ou seja, os catadores de lixo mais jovens aprenderam a profissão com os pais e familiares e com a carga excessiva de trabalho abandonaram a escola e a profissionalização em outras áreas. Alguns destes trabalharam fazendo alguns “bicos”, mas acabaram retornando para o trabalho de catador de lixo.

Apenas um dos catadores entrevistados com menos de 35 anos terminou o ensino médio, o qual chegou ao lixão há um ano, contudo já frequentava o local desde a adolescência trazido pela mãe que trabalhava como atravessadora no local. Outro catador frequenta atualmente o ensino médio (técnico-integrado), este catador veio acompanhando a avó ainda criança e para ajudar no sustento da casa começou a catar lixo.

São quatro os catadores com mais de 45 anos, sendo que todos chegaram ao local há mais de 10 anos, estes catadores com mais de 45 anos chegaram ao lixão de Imperatriz respectivamente com as idades de 36 anos, 37 anos, 25 anos e 27 anos, ou seja, chegaram para trabalhar no local e não saíram mais.

Quando o assunto se refere à residência e quantidade de membros da família dos entrevistados, verificou-se que cinco catadores moram no lixão, porém, sem a família, ou seja, a família mora em outro local, mas o catador fica no lixão.

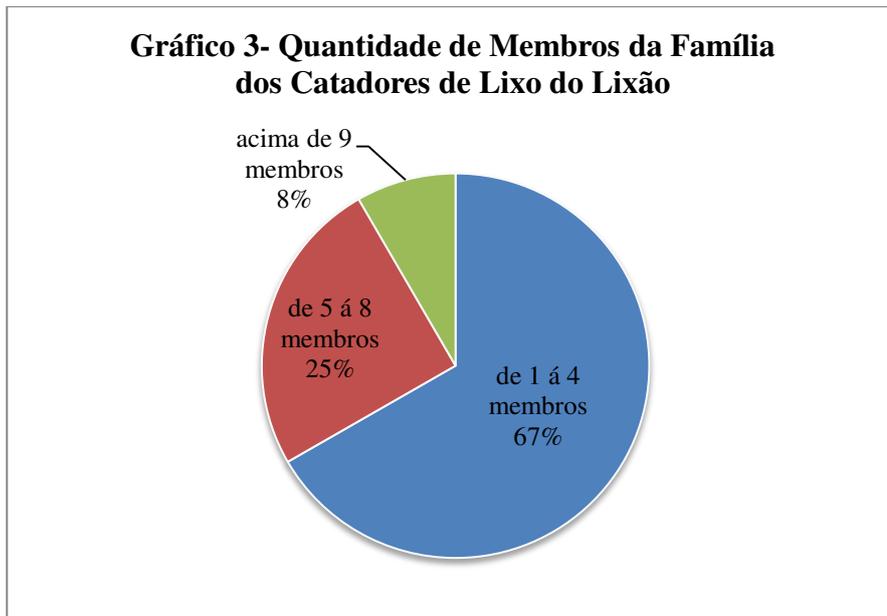
Para o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), o local de residência deve ser configurado como aquele onde a família mora, ou seja, os que ficam durante a semana de trabalho no lixão, mas durante os fins de semana ou eventualmente voltam para suas casas não são moradores do lixão, estão ali apenas a trabalho.

Neste caso há quatro catadores que se encaixam nesta definição, ou seja, ficam no lixão durante a semana de trabalho, mas tem suas famílias em outros locais e eventualmente retornam para casa.

Uma catadora entrevistada fica durante a semana com o esposo no lixão, contudo, seus filhos ficam em sua residência em um bairro da cidade. No fim de semana a catadora e o esposo que também é catador vão para casa. Um segundo catador têm sua esposa e filhos morando na cidade de Grajaú e sempre quando tem tempo e condições financeiras retorna para casa.

Um terceiro catador fica no lixão durante a semana e vai para a casa do irmão no fim de semana, lá ele guarda os documentos e roupas. O quarto catador tem sua casa no Estado do Tocantins. Em sua casa ele mora só, mas sua família, ou seja, pais e irmãos moram próximos de sua residência.

A quantidade total de membros da família que residem na mesma casa que o catador, então é a seguinte:



Fonte: Pesquisa de campo no lixão de Imperatriz – dezembro de 2017

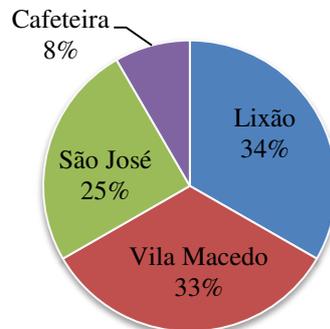
As mulheres entrevistadas na sua maioria residem com suas famílias e não moram no lixão. Apenas uma das quatro mulheres entrevistadas mora no lixão sem nenhum membro da família. Esta catadora tem filhos, contudo, estes moram com o antigo companheiro. Os irmãos desta catadora moram em um bairro da cidade de Imperatriz, mas ela afirma que não reside com eles e que só vai visitá-los pouquíssimas vezes ao ano.

O local de nascimento dos catadores de lixo do lixão municipal de Imperatriz é variado, sete catadores nasceram em Imperatriz e cinco dos catadores nasceram em cidades do interior do próprio Estado do Maranhão ou de Estados vizinhos como Piauí e Tocantins.

Já quando o assunto se refere ao local da residência durante a semana de trabalho dos catadores em Imperatriz, demonstram uma realidade de precariedade, pois todos os entrevistados moram em bairros periféricos da cidade, que não possuem uma infraestrutura adequada e alguns deles residem no próprio lixão.

Estes locais de residência durante a semana de trabalho sinalizam para uma questão muito interessante que é a falta de um meio de locomoção, como já dito, o local onde se mora é onde a família está, mas, durante o período de trabalho, muitos catadores ficam impossibilitados de voltarem para casa todos os dias, pois não tem meio de transporte e costumam ficar até a noite trabalhando para conseguirem aumentar os rendimentos, desta forma, sem transporte e com o perigo que a Estrada do Arroz (onde o lixão se localiza) representa para quem por ela trafega, muitos catadores ficam no lixão durante toda a semana.

**Gráfico 4- Bairros e Locais de residência dos catadores de Lixo do Lixão durante o período de trabalho.**



Fonte: Pesquisa de campo no lixão de Imperatriz – dezembro de 2017

Os catadores que ficam residindo no lixão durante o período de trabalho devem se acomodar em barracos que são construídos de materiais encontrados no lixão como papelão, sacos plásticos e madeiras velhas.

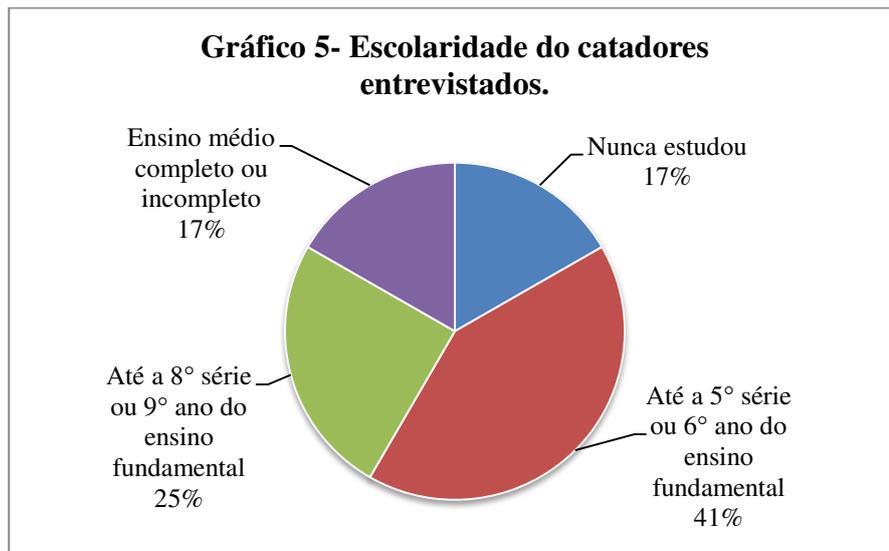
Quando perguntados sobre os documentos pessoais todos os doze entrevistados afirmaram ter os documentos pessoais, como RG e CPF, apenas um dos entrevistados não possui carteira de trabalho e título de eleitor e três catadores não possuem a reservista. Um dos catadores entrevistados estava sem os documentos, pois tinha sido roubado no lixão, estando atualmente somente com o RG.

No que se refere à escolaridade dos entrevistados, fica patente a realidade de baixa escolarização da grande maioria dos catadores de lixo, o que se constitui como um importante indicador da precariedade do trabalho que exercem, o que, por sua vez, os levam a uma precariedade existencial.

Hirata (2009) aponta o nível baixo de qualificação como um dos três indicadores do trabalho precário. Desta forma, verifica-se que no caso dos catadores de lixo do lixão municipal de Imperatriz, a baixa escolaridade é um dos indicadores da precariedade do trabalho.

Libâneo (1994) em seu livro didática, afirma que a desigualdade entre os homens se inicia a partir de uma desigualdade econômica, mediada pelas relações sociais, mas esta desigualdade não determina apenas as condições materiais de vida e de trabalho dos indivíduos, ela também faz a diferenciação no acesso ao que o autor chama de cultura espiritual, a educação.

Libâneo (1994) com esta concepção afirma que a desigualdade que a *priori* é uma desigualdade econômica, desencadeia um processo de desigualdades que atinge diversos âmbitos da vida do indivíduo e conseqüentemente atinge também o âmbito da escolarização. Os dados acerca da escolaridade dos catadores de lixo do lixão de Imperatriz indicam que esta concepção de Libâneo é verdadeira, pois a desigualdade econômica advinda de uma vida precária, tem como resultado uma baixa escolarização destes indivíduos.



Fonte: Pesquisa de campo no lixão de Imperatriz – dezembro de 2017

A baixa escolarização é notada no caso dos dois catadores mais velhos, um com 50 anos e outro com 58 anos. Eles foram criados na área rural, em locais com pouca ou nenhuma escola, aprendendo apenas a trabalhar para se sustentar, segundo eles mesmos afirmam.

Uma catadora afirma ter deixado de estudar para cuidar dos filhos e trabalhar, a qual trabalha no lixão desde os 13 anos de idade. Os outros catadores com baixa escolarização afirmam que o trabalho foi o principal motivo para o abandono dos estudos. Quando perguntados se sabiam ler e escrever nove dos doze entrevistados confirmaram que sim e três disseram que não.

Uma das perguntas feitas se referia a quais circunstâncias os levaram a se tornar um catador de lixo. As respostas dadas foram diferentes, pois cada catador tem alguma necessidade e singularidade que o motivou a ir trabalhar no lixão.

As respostas foram variadas, dentre elas os catadores listaram a falta de oportunidades de trabalho formal, a falta de profissionalização, o desemprego duradouro, sendo a necessidade o principal motivador de se ir trabalhar no lixão.

Um dos catadores entrevistados afirma que um amigo o trouxe ao local, dizendo que dava para ganhar dinheiro, como ele estava há muito tempo sem trabalho, com uma “filha pequena chorando de fome”, ele resolveu ficar trabalhando no lixão, desta forma conseguiu manter a família e até construir sua casa.

Uma catadora afirma que nunca trabalhou com outra profissão, desde os 13 anos de idade, trazida pelo pai que era catador de lixo (já falecido) e a mãe (já aposentada), vinha com eles para ajudar. Depois de constituir família, foi preciso ter que trabalhar para se manter, com 14 anos conheceu o esposo no lixão, pois ele também é catador e foram morar juntos e trabalhar.

É interessante ressaltar que dos doze catadores entrevistados na pesquisa de campo do lixão de Imperatriz, onze já tinham algum amigo, conhecido ou familiar que já trabalhava no lixão, e que no momento de necessidade estes o levaram para catar lixo como forma de obter dinheiro. Moraes (2009) também alerta isto em sua pesquisa de campo sobre os catadores de lixo de rua da cidade de Bom Jesus do Itabapoana - RJ:

Independente do que levou essas pessoas a desempenharem suas atividades durante esse tempo de trabalho com o lixo, cabe ponderar que mais da metade dos entrevistados sofreram influência, direta ou indireta, de outro trabalhador para sua entrada no circuito da reciclagem. (MORAES, 2009, p. 10)

Mediante isto é possível dizer que, diferentemente de uma profissão que se escolhe pelo nível de remuneração ou pelo status social, o trabalho como catador de lixo no lixão é um trabalho realizado inicialmente por necessidade e falta de oportunidades de trabalho, foi o que se verificou a partir da fala dos catadores entrevistados.

Segundo os catadores que atualmente trabalham no lixão, o fator impulsionador do trabalho como catador de lixo foi a necessidade financeira resultante da falta de oportunidade de emprego, contudo, muitos deles afirmam que continuaram a trabalhar lá por causa do sentimento de “liberdade e autonomia” que este trabalho lhes possibilita.

Como já pontuado anteriormente, para Sennett (2007, p. 69) “a aparência de nova liberdade é enganosa”. Sennett (2007) afirma sobre este aspecto de “liberdade e autonomia” que o mesmo é uma concepção falsa, pois o controle e a limitação continuam a existir só que em novos moldes.

Parte dos catadores entrevistados afirma querer permanecer trabalhando no local em razão de uma suposta flexibilidade de horários. Um dos catadores afirmou em uma de suas falas que “ninguém me manda, eu faço meus horários, venho quando quero, não tenho patrão”. Essa fala é comum à maioria dos catadores entrevistados.

Este pensamento de que o trabalho é flexível e de que o trabalhador possui autonomia para fazer seu próprio horário de trabalho, mesmo que em trabalhos e condições de trabalho tão precárias quanto aquela em que se encontram os catadores de lixo do lixão municipal de Imperatriz, é muito propícia ao sistema capitalista como aponta os trabalhos de Ricardo Antunes.

No caso destes catadores eles acreditam que possuem o controle do tempo e do ritmo de trabalho, mas não percebem ou fingem que não percebem que por trabalharem por produtividade acabam excedendo as horas trabalhadas. Eles mesmos se obrigam a produzir mais e mais rápido para conseguir uma maior remuneração no final da semana, em consequência os proprietários de empresas de reciclagem ganham com a mão-de-obra barata, em grande quantidade e sem direitos trabalhistas.

No que se refere à religião, quatro entrevistados se denominam católicos, dois evangélicos e seis não participam de nenhum grupo religioso. A questão de grupos religiosos no lixão de Imperatriz é bastante presente, pois sendo os catadores considerados “carentes”, muitos grupos de igrejas utilizam o local para a doação de cestas básicas e para a evangelização cristã.

### 3.2- Indicadores da Precarização do Trabalho

A partir de perguntas direcionadas a saber como se desenvolve o trabalho destes catadores de lixo, foi possível chegar a alguns indicadores que expressam uma realidade de precariedade de trabalho.

Quando perguntados acerca de outros trabalhos já realizados por eles, mesmo que de forma autônoma, nove dos doze entrevistados afirmaram que já possuíam outros trabalhos e três afirmaram que sempre trabalharam como catadores de lixo no lixão de Imperatriz.

Os trabalhos realizados por estes catadores anteriormente são variados. Uma catadora afirma que trabalhava como agricultora na roça e só foi trabalhar no lixão ao chegar em Imperatriz. Cinco catadores entrevistados trabalhavam anteriormente como ajudantes de pedreiro, uma das catadoras trabalhava como massagista, outra como zeladora de uma loja e um catador trabalhava como chefe de depósito.

Dois dos três catadores que sempre trabalharam como catadores de lixo chegaram ao lixão com 12 anos de idade e um com 13 anos, estes sempre viram no lixão a maneira mais viável de trabalhar e tirar dali seu sustento.

A estes três catadores foram feita a pergunta se gostariam de trabalhar em outro lugar e de outro serviço. Um deles afirmou que não e os outros dois disseram que sim, um gostaria de se profissionalizar como operador de máquinas e outro gostaria de trabalhar como vendedor de loja.

Quando a estes doze catadores foram feitas a pergunta acerca do tempo que já trabalham como catador de lixo no lixão municipal de Imperatriz foi obtido o seguinte resultado:



Fonte: Pesquisa de campo no lixão de Imperatriz – dezembro de 2017

Os que trabalham há mais de 20 anos como catadores afirmam que permaneceram no lixão por tanto tempo porque encontraram uma fonte de renda, que mesmo cansativa lhes oferece uma segurança com relação à “estabilidade de emprego”, pois por não haver patrão não há cobranças e conseqüentemente demissões.

Os catadores mais antigos se consideram livres e acreditam que por não terem ninguém para lhes dar ordens eles podem trabalhar o tempo e da forma que quiserem. É interessante este dado, pois compartilha a ideia de que com o passar do tempo a reintegração ao mercado de trabalho formal vai se tornando cada vez mais impossível no imaginário destes catadores e, conseqüentemente, eles vão destituindo de toda vontade de encontrar outro tipo de trabalho.

Os que trabalham a menos de cinco anos querem sair do lixão, buscam conseguir outro trabalho e ter um emprego com garantias de direitos trabalhistas. Um dos catadores afirmava que no máximo até o fim do ano deixaria de trabalhar no lixão, iria para outra cidade em busca de um emprego fixo.

A carga horária trabalhada por estes catadores de lixo depende de suas necessidades, pois como o trabalho é por produção quanto mais horas se passa fazendo a separação do

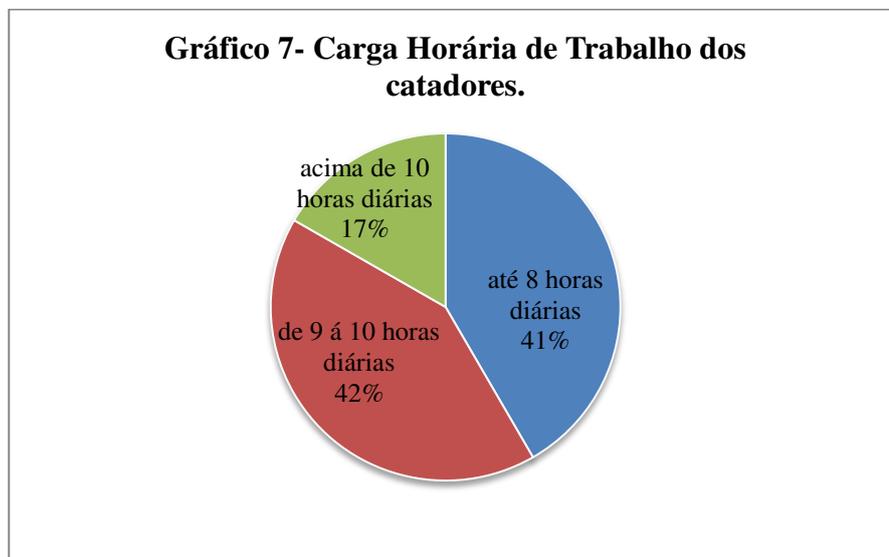
material e quanto mais material se separa mais se ganhará no fim de semana, consequentemente se a necessidade da família é grande é necessário que se trabalhe horas a mais.

Ricardo Antunes (2011) afirma sobre isto que um dos modos de ser da informalidade é caracterizado pela jornada de trabalho sem horários fixos.

Não há horário fixo de trabalho, e as jornadas de trabalho levam frequentemente ao uso das *horas vagas* para aumentar a renda oriunda da atividade. Acrescenta-se ainda o fato de que, no serviço por conta própria, além do uso de seu trabalho, passe haver uso da força de outros membros da família, com ou sem remuneração. (ANTUNES, 2011, p. 410)

Esta afirmação ilustra bem a realidade dos catadores de lixo do lixão municipal de Imperatriz, trabalhando uma carga horária estendida, buscam aumentar a renda com o trabalho em excesso e ainda acreditam que tem o total controle de suas horas de trabalho. Quatro dos doze entrevistados afirmaram que levam alguém da família para o local para auxiliar na coleta e consequentemente aumentar a remuneração da família.

A carga horária de trabalho de alguns catadores chega a mais de dez horas diárias e muitos destes ainda ficam os fins de semana. O percentual da carga horária de trabalho destes trabalhadores é a seguinte:



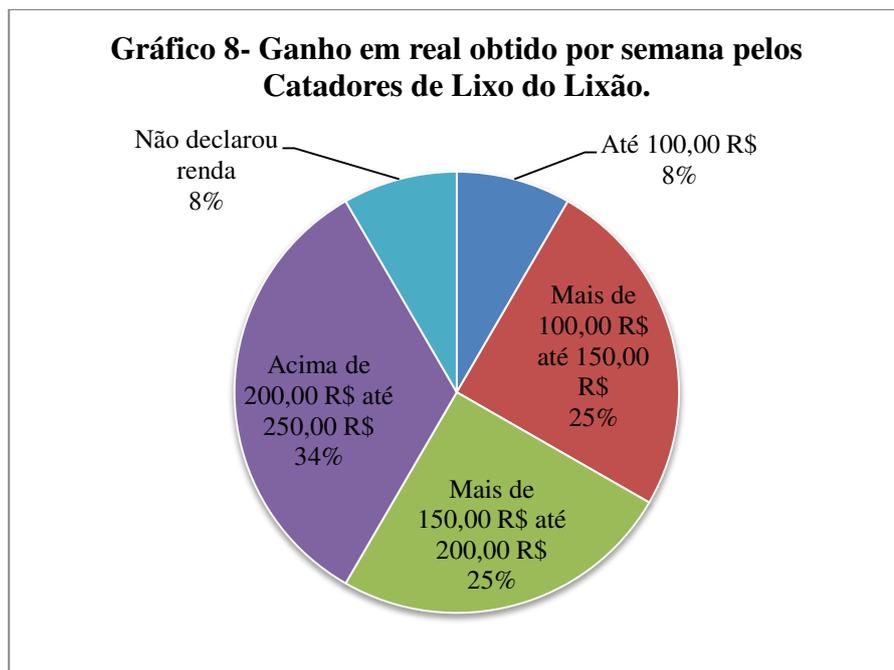
Fonte: Pesquisa de campo no lixão de Imperatriz – dezembro de 2017

Muitos catadores têm de ficar no lixão durante a semana e os fins de semana para que a coleta de lixo seja maior e, assim, conseguir cobrir suas despesas e prover o sustento de suas famílias, as quais dependem, na sua maioria, da renda proveniente deste trabalho.

Com relação ao dinheiro obtido com o trabalho como catador de lixo, os catadores recebem semanalmente e por produtividade. Todos os dias há atravessadores no lixão para fazer a compra dos materiais separados pelos catadores. Como já se disse, o atravessador é a pessoa que pesa o material separado, paga conforme o valor do quilo e depois leva o material para as empresas que fazem reciclagem e revende para estas, ou se o atravessador for funcionário da reciclagem o trabalho dele fica restrito a buscar e pagar pelo material separado pelos catadores.

O atravessador é o dono da balança que pesa o material e ele também é quem estabelece o valor do quilo, desta forma é possível notar um desgosto de uma parte destes catadores de lixo do lixão com eles, pois muitos catadores afirmam que “eles”, referindo-se aos atravessadores, “roubam na balança”, com o intuito de levar mais material pagando um preço menor. Como os catadores não possuem meio de transporte como caminhão ou caminhonete para levar o material até as reciclagens e vender o produto diretamente, ficam à mercê dos atravessadores.

O ganho semanal, em reais, na totalidade dos catadores entrevistados é a seguinte:



Fonte: Pesquisa de campo no lixão de Imperatriz – dezembro de 2017

Há também os catadores que já possuem seus atravessadores fixos, ou seja, eles passam a semana separando o material e quando chega o dia de pesar e vender o material, eles vendem para um atravessador que já compra exclusivo de sua mão. Esses atravessadores são

tidos de “confiança”, pois costumam pagar corretamente pelo trabalho dos catadores, assim fica uma relação de compra e venda entre catador e atravessador.

No que se refere a outras remunerações obtidas a partir de algum outro trabalho realizado, os catadores na sua maioria só possuem o trabalho como catador. Dos entrevistados, apenas um declarou que trabalha aos fins de semana como segurança em bares e casas de festas ganhando uns R\$ 150,00 por fim de semana e uma catadora afirma ter uma banca de verduras no setor do mercadinho que está alugada atualmente e recebe 100,00 reais mensalmente por esta.

Quando perguntados se mais alguém da família trabalha ou se alguém da casa recebe algum benefício governamental, as respostas foram variadas. Percebe-se que a maioria dos catadores possuem rendas além do trabalho como catador de lixo. No total de doze catadores entrevistados apenas três catadores tem apenas a renda do trabalho como catador de lixo para se manter e estes três são os que moram sozinhos.

Os nove catadores que moram com familiares possuem outras rendas para o sustento da casa, rendas como trabalho de outro membro da família, seja no lixão ou em outro emprego e ainda há uma porcentagem que recebe o auxílio do programa de governo bolsa família.

Três dos doze catadores entrevistados tem algum membro da família trabalhando em serviços fora do lixão, quatro tem membros da família trabalhando juntamente com eles no lixão e simultaneamente há quatro catadores beneficiados pelo programa bolsa família.

Esse dado acerca do recebimento de benefício social revela uma realidade vivenciada por grande parte da população pobre do Brasil. Os indivíduos pobres como afirmam Santos e Silva (2009) se tornam mandatários das políticas sociais e precisam destas políticas para conseguir se manter.

Na pesquisa de campo realizada no lixão foi possível notar a importância que os programas sociais do governo têm para os catadores. Uma das catadoras entrevistadas receava falar acerca da renda obtida no trabalho, pois alguns meses antes ela já tivera o benefício da bolsa família cancelado e a catadora receava que o dado a respeito da renda fosse utilizado como motivo para um novo cancelamento.

A catadora afirmou que para conseguir o rendimento da bolsa família novamente foi necessário chorar, explicar que trabalha como catadora de lixo e dizer que precisa do dinheiro da bolsa família para manter sua família, desta forma os representantes do governo que fazem o cadastramento reativaram seu cadastro.

Quando o assunto se refere à participação dos catadores em sindicatos, cooperativas ou associações se torna nítido o quanto os catadores não se orientam pelo princípio do associativismo e não possuem um pensamento de coletividade, pois grande parte dos catadores entrevistados não sabem nem se existe algum grupo social ou sindical que os ampare em casos de necessidade.

Esta característica é interessante e é ressaltada por Sennett (2007) que afirma que com o processo de flexibilização do trabalho a compreensão que o trabalhador tem do mesmo foi desgastada e houve perda de poder dos sindicatos, ocasionando conseqüentemente perdas no que se refere à luta por direitos e assim também ocorrendo uma perda de visão de grupo ou movimento social.

Os catadores que sabem da existência de uma associação afirmam que a mesma só existe de “nome” e que há três anos não aparece ninguém ligado a esta associação no lixão para dar suporte aos catadores associados. Os catadores que sabem da existência dessa associação e ainda não são associados não demonstram nenhum interesse em se associar, pois acreditam que a associação é fraudulenta.

Apenas uma catadora entrevistada afirma que participa ainda de uma associação, entretanto, ela não sabe como funciona e nem quais os benefícios pode ter com esta participação na associação.

Ao serem perguntados se possuem alguma seguridade social com o seu trabalho como catadores de lixo, todos os entrevistados afirmaram que não, apenas um dos catadores entrevistados informou que paga a previdência social, mas como segurança e não como catador.

Quando perguntados se utilizam algum equipamento de segurança para se proteger de cortes no trabalho, todos os catadores responderam que trabalham com luvas e botas que encontram no lixo. Um dos catadores afirmou que um gari amigo dele traz os equipamentos de segurança para ele e dois catadores entrevistados afirmaram que não utilizam equipamento nenhum de segurança, pois não gostam.

No que se refere às principais dificuldades enfrentadas por eles no âmbito do trabalho no lixão, os catadores deram uma diversidade de respostas. Um dos catadores afirma que os cortes na mão e a água para beber que é barrenta são as principais dificuldades.

Outro catador afirma que o sol incomoda muito, assim como a falta de transporte para chegar até o lixão, sendo estas suas principais dificuldades. Um terceiro alega que o que mais

dificulta a vida do catador de lixo é o mau cheiro, calor e a fumaça do “boqueirão”<sup>4</sup>, que é um buraco onde os tratores empurram o lixo e colocam fogo.

Percebe-se e entende-se a partir da pesquisa de campo que o trabalho destes catadores é um dos mais precários e insalubres que se pode existir, sem nenhum tipo de equipamento de segurança devidamente validado, sem auxílio em caso de cortes, sem uma proteção mínima do sol e sem água potável para beber durante o período de trabalho, os catadores ficam à margem do que se pode considerar de condições mínimas de existência e de trabalho.

A condição ainda se torna mais precária para os catadores que sem transporte para ir e vir todos os dias para o lixão se abrigam nos chamados “barracos”, onde passam a semana e devem realizar todas as atividades referentes à sua higiene pessoal. Dentro desses barracos que são moradias precárias não é possível encontrar água encanada e esgoto, as casas são moradias cobertas e rodeadas por lonas, papelões, sacos e madeiras encontradas no próprio lixão.

Estes dados acerca de como se desenvolve o trabalho dos catadores de lixo mostra a realidade destes catadores que trabalham excessivamente, ganham pouco e não tem seus direitos garantidos.

### 3.3- Dados acerca do preconceito a respeito do trabalho dos catadores de lixo

Ao se falar no trabalho dos catadores de lixo é impossível desvincular estes do estigma que sofrem. Ser catador de lixo não é uma profissão vista como adequada para um indivíduo. O trabalho do catador de lixo é associado automaticamente à pobreza e à miséria das condições existenciais.

A pobreza, como afirmam Santos e Silva (2009), é vinculada a uma imagem negativa que configura o pobre como o promotor da desordem e dos males da sociedade, esta imagem leva a um processo de rejeição e exclusão, que atinge também os catadores de lixo. Por meio das perguntas feitas a estes catadores foi possível verificar as seguintes situações que expressam essa realidade de exclusão.

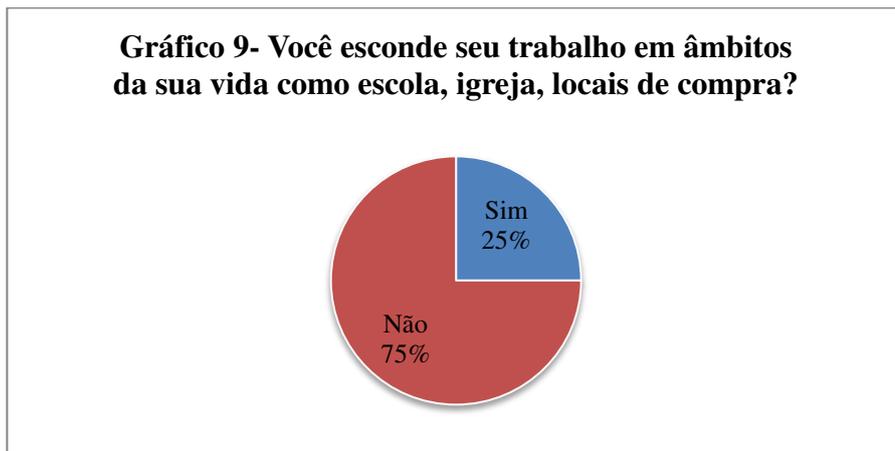
Ao serem perguntados acerca dos vizinhos e colegas saberem a respeito do seu trabalho como catador de lixo no lixão municipal de Imperatriz, onze catadores afirmaram que os vizinhos e a família sabem que trabalham como catador.

---

<sup>4</sup> Boqueirão é o termo utilizado para denominar um acidente geográfico, um vale, um buraco. No caso do lixão de Imperatriz o boqueirão é um buraco para onde os tratores empurram o lixo e colocam fogo.

Apenas um dos catadores entrevistados afirmou que os vizinhos não sabem, outros complementaram a resposta afirmando que não falam com os vizinhos ou que não se importam com a opinião deles.

Foi interessante também a resposta de alguns catadores que afirmaram que a vizinhança sabe de seu trabalho, porém em outros âmbitos de suas vidas como exemplo a escola, não se é revelado o trabalho que realizam. As porcentagens são as seguintes:



Fonte: Pesquisa de campo no lixão de Imperatriz – dezembro de 2017

O motivo para que os catadores não revelem o seu trabalho são diversificados. Uma catadora afirma que o motivo são os filhos, para que estes não sofram nenhuma discriminação na escola. Outros dois catadores afirmam que não falam sobre o seu trabalho por vergonha e medo de discriminação.

Foi perguntado aos catadores se os mesmos sofrem ou já sofreram algum tipo de preconceito ou discriminação por causa do trabalho como catador de lixo no lixão, as respostas foram em sua maioria não, muitos catadores afirmam nunca terem sofrido preconceito com relação ao seu trabalho.

A negação do preconceito pode ser associada ao próprio ciclo social, a consciência do mesmo e a forma como o estigma opera, é importante ressaltar que os catadores de lixo já são marcados por uma visão de inferioridade, o que gera uma maior dificuldade para perceber o preconceito, pois a visão que se tem é que “é assim mesmo”, ou seja, naturalizam algo que não deveria ser natural.

Verificou-se que cinco catadores afirmam já terem sofrido preconceito e discriminação, estes afirmam que principalmente no começo de seu trabalho como catador

alguns vizinhos lhes tratavam com desprezo. Na fala de uma catadora ela diz que certa vez ao passar pela rua um vizinho a chamou de lixeira e cuspiu no chão.

Quando perguntados sobre o fato de sentirem vergonha ou constrangimento por causa de seu trabalho como catador, quatro afirmaram que sim e oito afirmaram que não. A parte dos que responderam que não sente vergonha é bem maior, eles mesmos afirmam que não há motivos para sentir vergonha, “afinal ser catador de lixo é um trabalho como qualquer outro”. Um dos catadores disse que sentiria vergonha se tivesse roubando, contudo, ele estava trabalhando.

É preciso dizer que muitos dos catadores entrevistados afirmam nunca terem tido vergonha, nunca terem sofrido preconceito, mas todos os entrevistados descreveram em algum momento de suas falas uma situação que passaram, que demonstra um momento de vergonha e preconceito.

Os catadores entrevistados também responderam a respeito de já terem trazido algum membro da família que reside na sua casa ou parente, mesmo que seja só para conhecer o lixão ou para não deixar o membro só em casa.

Verificou-se que sete dos doze catadores entrevistados já trouxeram membros da família para o lixão. Teve um caso em que o catador afirma que o filho gosta tanto do lugar que pede para ir todos os dias, ele por sua vez não permite porque a criança estuda, mas afirma que durante as férias escolares a criança iria ficar no lixão com ele.

Outro catador afirma já ter chamado o irmão mais novo que estava desempregado para ir trabalhar no lixão, mas ao chegar ao local o rapaz não sabia o que fazer, ficou atordoado e o irmão mais velho o mandou para casa, afirmando que o lixão não era lugar para ele. O catador disse com alegria que o irmão foi para casa, passou a estudar com mais esforço e hoje tem um emprego muito bom em uma empresa da cidade.

Uma catadora respondeu que apesar de trabalhar no lixão há mais de 20 anos, nunca trouxe a filha ao local, que não gosta e nem quer que a filha aprenda este trabalho.

A partir destes dados apresentados é possível verificar uma realidade de trabalho e vida que se mostra de maneira extremamente precária, o trabalho dos catadores de lixo é colocado à margem de qualquer legislação trabalhista e não têm nenhum sindicato na cidade de Imperatriz que busque reivindicar seus direitos e melhores condições para os que deste ofício se mantêm.

Esta realidade de trabalho para a fase atual do sistema capitalista se torna extremamente útil ao capital, menos gastos com trabalhadores formais e mais obtenção de lucro com a exploração do trabalho dos catadores de lixo, que além de realizarem um trabalho

extremamente importante ao meio ambiente, pois tiram do solo resíduos que demorariam séculos para entrar em decomposição. Além disso, tornam-se uma mão-de-obra barata, que não gera despesas extras com imposto e taxas.

## CONCLUSÃO

É possível compreender através da pesquisa realizada que o trabalho opera mudanças significativas na subjetividade do indivíduo. O homem por meio do trabalho descobre novas qualidades e habilidades, transforma a natureza e estabelece relações sociais. Sob a lógica do capital, produz riquezas sem igual, mas também misérias jamais vistas em outros modos de produção.

O conceito de trabalho sofre variações nos seus aspectos a partir da conjuntura histórica e da cultura em que está inserido sem, no entanto, perder sua centralidade (ANTUNES, 1999). Entende-se então que o trabalho é um ponto central e essencial na existência humana.

Percebe-se também que as profundas transformações ocorridas no mundo do trabalho, a partir da fase neoliberal do sistema de produção capitalista, fez com que se intensificasse o processo de precarização do trabalho, além de intensificar o desemprego estrutural e a flexibilização do trabalho.

Essas mudanças no chamado mundo do trabalho também desencadearam um processo de desmonte dos sindicatos e uma maior exploração do trabalho e conseqüentemente uma intensificação da pobreza. Ao mesmo tempo em que produziu estruturas mais flexíveis de trabalho, manteve a alienação e a dependência do trabalhador ao capital. Em nome de uma maior autonomia e liberdade, o trabalhador ficou exposto a maiores riscos e à deriva dos fluxos do capital flexível. (SENNETT, 2007). Sua subjetividade foi também capturada pela lógica do capital. (ALVES, 2009)

A realidade dos trabalhadores do lixão da cidade de Imperatriz no Estado do Maranhão apresenta as conseqüências desta atual lógica destrutiva do capital e das transformações ocorridas dentro do sistema capitalista.

É evidente o caráter degradante do trabalho dos catadores de lixo do lixão de Imperatriz, que por sua vez constitui-se como uma forma de sobrevivência para um número importante de indivíduos. As leis trabalhistas não abarcam o trabalho destes homens e mulheres que trabalham com o lixo e que estão imersos no mundo do trabalho informal e precário.

É importante frisar que o trabalho dos catadores de lixo do lixão de Imperatriz se apresenta como uma condição degradante ao trabalhador, pois a partir dos dados levantados em campo foi possível identificar que a um profundo descaso com relação à dignidade humana e a condição de vida destes trabalhadores.

Além da falta de direitos trabalhistas essenciais ao trabalhador esses catadores ainda trabalham numa condição insalubre e por vezes se obrigam a morar no próprio lixão, em condições extremamente degradantes a sua saúde. Mediante isto compreende-se que esta questão ultrapassa o chamado mundo do trabalho e se torna um problema social que infere nos preceitos dos direitos humanos.

Fica evidente também mediante esta pesquisa que a pobreza e miséria caminham lado a lado com o trabalho precário e degradante daqueles que, sem opção, precisam lançar-se no lixão da cidade de Imperatriz em busca de sua própria sobrevivência. Os catadores de lixo do lixão de Imperatriz mesmo fora do mercado de trabalho formal são explorados e contribuem para o processo de acumulação de lucro para os proprietários do capital.

Como já frisado, quanto mais o trabalhador se desgasta trabalhando, mais poderoso se torna o proprietário do capital. Em consequência o trabalhador se torna mais pobre e o seu mundo interior pertence cada vez menos a ele mesmo (MARX, 2004).

Todo o trabalho foi norteado pelo interesse de investigar e analisar de forma ampla a realidade de vida e trabalho dos catadores de lixo do lixão municipal da cidade de Imperatriz e entender qual a relação do trabalho destes com as transformações do mundo do trabalho dentro do sistema capitalista na sua fase atual.

Partindo da hipótese que as transformações do mundo do trabalho produzem não apenas uma precarização do trabalho, mas também uma precarização existencial do trabalhador foi possível concluir que no caso dos catadores de lixo do lixão municipal de Imperatriz esta hipótese se confirma.

A hipótese é confirmada a partir da análise dos resultados obtidos na pesquisa de campo, que comprovam que as transformações no mundo do trabalho a partir da reestruturação produtiva desencadearam um aumento significativo do desemprego estrutural e um conseqüente avanço da informalidade que produziu uma busca constante por formas alternativas de se obter alguma remuneração, mesmo que esta remuneração seja obtida por meio de trabalhos cada vez mais precários.

A precariedade existencial e a precariedade do trabalho estão entrelaçadas na vida dos catadores de lixo do lixão municipal da cidade de Imperatriz. Por fim, é importante entender que a condição de vida e trabalho destes catadores é uma questão de responsabilidade social, as autoridades públicas e o Estado devem ser acionadas com o intuito de promover condições para que o trabalho destes homens e mulheres, se torne digno no refere as condições de trabalho e a proteção das leis trabalhistas.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Giovanni Antonio Pinto. Crise estrutural do capital, maquinofatura e precarização do trabalho - a questão social do século XXI. **Rev.: Textos & Contextos**. Porto Alegre, v. 12, n. 2, p. 235 - 248, jul./dez. 2013.
- ALVES, Giovanni. Trabalho e reestruturação produtiva no Brasil neoliberal- Precarização do trabalho e redundância salarial. Florianópolis: **Rev.Katál**, v.12, n.2, p. 188-197. jul./dez. 2009.
- ALVES, Giovanni Antonio Pinto; SELEGRIN, Esdras Fred Rodrigues. A condição de proletariado: esboço de uma analítica existencial da classe do proletariado. Dossiê: Classes sociais e transformações no mundo do trabalho. **Mediações**, Londrina, v. 16, n.1, p. 71-90, Jan./Jun. 2011.
- ALVES, Maria Aparecida; TAVARES, Maria Augusta. A dupla face da informalidade do trabalho “autonomia” ou precarização. In. ANTUNES, Ricardo (org.). **Riqueza e miséria do trabalho no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2006. p. 425-444.
- ANTUNES, Ricardo. Os modos de ser da informalidade: rumo a uma nova era da precarização estrutural do trabalho? **Serv. Soc. Soc.** São Paulo. n. 107, p. 405-419, Julho/setembro, 2011.
- ANTUNES, Ricardo. A crise, o desemprego e alguns desafios atuais. São Paulo, **Serv. Soc. Soc.**, n.104, out/dez. 2010. (p. 632-636).
- ANTUNES, Ricardo. A classe-que-vive-do-trabalho: a forma de ser da classe trabalhadora hoje. In. **Os sentidos do trabalho: ensaios sobre a afirmação e a negação do trabalho**. São Paulo, Boitempo, 2009. (p. 101-115).
- ANTUNES, Ricardo. As formas de padecimento no trabalho. **Saúde soc.** São Paulo. volume 17, n.4, p. 7-10. 2008.
- ANTUNES, Ricardo. A era da informatização e a época da informalização riqueza e miséria do trabalho no Brasil. In: ANTUNES, Ricardo (Org.). **Riqueza e miséria do trabalho no Brasil**. São Paulo, Boitempo, 2006. (p.15-25).
- ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?** ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. São Paulo, Cortez, 1999.
- ANTUNES, Ricardo; ALVES, Giovanni. As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital. Campinas, **Educ. soc.**, vol.25 n.87, p. 335-351, maio/ago. 2004.
- BRASIL. Lei n. 12.305, de 2 de agosto de 2010. **Política Nacional de Resíduos Sólidos**. Diário Oficial da União. Poder Executivo, Brasília, DF. 2010.

CARELLI, Rodrigo De Lacerda. **Formas atípicas de trabalho**. São Paulo: LTr. 2010.

CELEGUIM, Cristiane Regina Jorge; ROESLER, Heloísa Maria Kiehl Noronha. A invisibilidade social no âmbito do trabalho. **Revista Científica da Faculdade das Américas**. Ano III – número 1 – 1º semestre. 2009.

HIRATA, Helena. A precarização e a divisão internacional e sexual do trabalho. **Revista Sociologias**. Porto Alegre, ano 11, nº 21, jan./jun. 2009. p. 24-41.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. São Paulo, **Cad. Pesqui.**, vol. 37, n. 132, set/dez. 2007.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: editora Cortez, 1994.

MARX, Karl. Manuscritos econômico-filosóficos. São Paulo: Editora Boitempo, 2004.

MARX, Karl. O exército industrial de reserva. In. **Karl Marx** (coleção grandes cientistas sociais). São Paulo: Editora ática, 1980.

MATOSSO, Jorge. **O Brasil desempregado**: como foram destruídos mais de 3 milhões de empregos nos anos 90. São Paulo: editora Perseu Abramo, 1999.

MORAES, Carlos Antonio de Souza. Catadores da sobrevivência: a “matéria viva” no cenário do lixo. Campos dos Goytacazes/RJ. **Rev. Vértices**, v. 11, n. 1/3, p. 109-124, jan./dez. 2009.

NEVES, Magda de Almeida; PEDROSA, Célia Maria. Gênero, flexibilidade e precarização: o trabalho a domicílio na indústria de confecções. Brasília, **Rev. Estado e Sociedade**, v. 22, n.1, jan./abr. 2007. p. 11-34.

OLIVEIRA, Hilderline Câmara de; SANTOS, Joseneide Sousa Pessoa dos; CRUZ, Eduardo Franco Correia. **O mundo do trabalho**: concepções e historicidade. São Luís, UFMA, 2007.

QUINTANEIRO, Tania; BARBOSA, Maria Ligia de Oliveira; OLIVEIRA, Márcia Gardênia Monteiro de. **Um toque de clássicos**: Durkheim, Marx e Weber. Belo Horizonte, UFMG, 1995.

SANTOS, Juliana Alves Batista dos; SILVA, Mossicléia Mendes da. **Precarização do trabalho**: a realidade dos trabalhadores do lixão de Juazeiro do Norte-CE. São Luís, IV: Jornada internacional de políticas públicas. 2009.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter**: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Rio de Janeiro, Record. 2007.

SORJ, Bila. Sociologia e trabalho: mutações, encontros e desencontros. Brasil, **Revista brasileira de ciências sociais**, vol. 15 n°43, junho. 2000.

VASAPOLLO, Luciano. O trabalho atípico e a precariedade: elemento estratégico determinante do capital no paradigma pós-fordista. In. ANTUNES, Ricardo (org.). **Riqueza e miséria do trabalho no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2006. (p. 45-57).